

A B M U S

Associação Brasileira de Musicologia

IV CONGRESSO

***A historiografia musical brasileira
como suporte para pensar a musicologia
na contemporaneidade***

Caderno de Resumos

SESC-SANTOS

Santos, 14 a 18 de novembro de 2023

ABMUS

Associação Brasileira de Musicologia

IV CONGRESSO

A historiografia musical brasileira como
suporte para pensar a musicologia
na contemporaneidade

Caderno de Resumos

SESC-SANTOS

Santos, 14 a 18 de novembro de 2023

Realização

ABMUS

Associação Brasileira de Musicologia

Presidente (Gestão 2023-2024), Pablo Sotuyo Blanco

Sede do evento



SESC-Santos - Serviço Social do Comércio / Santos SP

Diretor regional Estado de São Paulo, Luiz Galina

Apoio financeiro



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Presidente, Mercedes Maria da Cunha Bustamante

Apoio organizacional



IV ABMUS

Caderno de Resumos

Associação Brasileira de Musicologia

Presidente da ABMUS, Pablo Sotuyo Blanco (UFBA)
Coordenador do IV Congresso ABMUS, Diósnio Machado Neto (USP)

Comissão Organizadora do IV ABMUS

Pablo Sotuyo Blanco (UFBA), Presidente
Alberto Dantas Filho (UFMA), Vice-Presidente
Beatriz Magalhães Castro (UnB), Ex-Presidente imediato
Ana Guiomar Rêgo Souza (UFG), Secretária
Marcos Virmond (UNICAMP), Tesoureiro
Diósnio Machado Neto (USP), Conselho Fiscal
Mary Ângela Biason (Museu Carlos Gomes), Conselho Fiscal
Fernando Magre (FAMES), Conselho Fiscal

Coordenação Santos (SP)

Diósnio Machado Neto (USP)
Fernando Tavares (USP)
Flavia Reis Nocetti - Programação SESC-Santos
Alexandra L. Herbst Matos - Coordenação de Programação SESC-Santos

Comissão Científica

Pablo Sotuyo Blanco, Presidente
Alberto Dantas Filho • Beatriz Magalhães Castro
Ana Guiomar Rêgo Souza • Marcos Virmond • Fernando Magre
Diósnio Machado Neto • Mary Ângela Biason

Corpo de Pareceristas

O evento contou com a colaboração de conceituados acadêmicos de várias instituições do Brasil que emitiram pareceres na avaliação dupla-cega.

Equipe Técnica SESC-Santos e LAMUS-USP

Rodrigo F. Silva • Fernando Tavares • Gustavo Caum e Silva • José R. dos Santos
Aldo L. Leoni • Caio F. G. Azevedo • João G. da Silva Neto
Talita A. de Oliveira

Edição, revisão e diagramação

SONARE (Centro de Documentação, Produção e Estudos de Música)
ABMUS



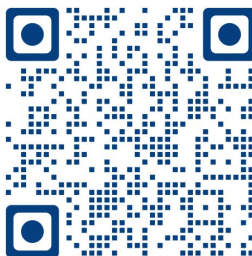
Programação visual e artes

Beatriz Magalhães Castro

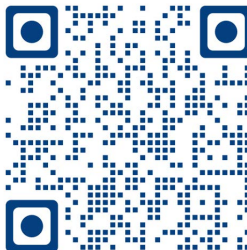
Divulgação ABMUS

Mais informações: <https://abmus.net.br>

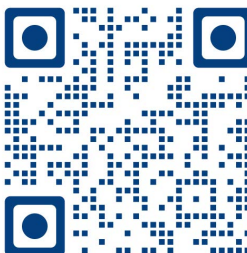
Acesse a localização do
SESC-SANTOS



Acesse horários transporte de
ônibus entre São Paulo e
Santos



Siga-nos



Sumário

Apresentação	7
Programação	10
Participantes convidados e Caderno de Resumos.....	13
Painéis	
Painel A1: Romantismo e cientificismo do século XIX	14
Painel B1: Historiografia a partir da crítica musical	16
Painel A2: Rupturas modernistas do século XX	19
Painel B2: Epistemologias contemporâneas da música	21
Painel A3: Permanências do positivismo	23
Painel B3: Questões metodológicas	25
Painel A4: Historiografia da Música Popular Brasileira	27
B4: Musicologia canibal	29
Encontros interdisciplinares	
EI 1- Música, política e sociedade	30
EI 2 - Música e cinema	31
EI 3 - Música e história	33
EI 4 - Música e mídia / Gilberto Mendes	34
Mesa-redonda: conversas musicológicas	36
Comunicações	
Sessão 1	38
Sessão 2	44
Sessão 3	52
Sessão 4	59
Sessão 5	69
Sessão 6	79

IV CONGRESSO ABMUS – PROGRAMAÇÃO

	14/11 3ª feira	15/11 4ª feira	16/11 5ª feira	17/11 6ª feira	18/11 sábado
9h	Recepção e credenciamento	SALA 1	SALA 1	SALA 1	SALA 1
10h	Abertura com toda a diretoria	Painel A1 O romantismo e o cientificismo do século XIX (BENETTI)	Painel A2 Rupturas modernistas do século XX (MAGALHÃES-CASTRO)	Painel A3 Permanências do positivismo (SOTUYO BLANCO)	Painel A4 A historiografia da música popular brasileira (MAGRE)
10h30	SALA 1	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11h	PRÓLOGO / PRELÚDIO DESAFIOS DA HISTORIOGRAFIA FRENTE À CONTEMPORANEIDADE B. MAGALHÃES-CASTRO D. MACHADO NETO M. PÁSCOA F. RIBEIRO	SALA 1 Painel B1 A historiografia a partir da crítica musical (GOLDBERG)	SALA 1 Painel B2 As epistemologias contemporâneas do estudo da música (MACHADO NETO)	SALA 1 Painel B3 Questões metodológicas (VIRMOND)	SALA 1 B4 Musicologia canibal (MARTHA ULHOA)
12h30-14h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h	SALA 1 Encontros Interdisciplinares 1 Música, Política e Sociedade Adalberto Paranhos (online)	SALA 1 Encontros Interdisciplinares 2 Música e cinema Rose Satiko Ikiji	SALA 1 Encontros Interdisciplinares 3 Música e história Tania Costa Garcia	SALA 1 Encontros Interdisciplinares 4 Música e mídia Gilberto Mendes Heloisa Valente & Rodolfo Coelho de Souza	SALA 1 Mesa-Redonda: conversas musicológicas
15h30-16h	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
16h - 17h30	SALAS 1, 2 e 3 Comunicações 1	SALAS 1, 2 e 3 Comunicações 2	SALAS 1, 2 e 3 Comunicações 3	SALA 1 Plenária GTs 3	SALA 1 EPÍLOGO / CODA M. A. VOLPE A. G. RÉGO SOUZA F. MAGRE A. DANTAS
17h30	Carlos Kater	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Encerramento Premiação
18h - 20h	Confraternização	SALA 1 Plenária GTs 1	SALA 1 Plenária GTs 2	SALA 1 Assembleia da ABMUS	Confraternização

Apresentação

Prof. Dr. Pablo Sotuyo Blanco
Presidente da ABMUS

Prof. Dr. Diósnio Machado Neto
Coordenador local do IV ABMUS

Estimados colegas e amigos,

Sejam bem-vindos ao IV Congresso da Associação Brasileira de Musicologia (ABMUS), organizado pela ABMUS, com patrocínios da CAPES, do SESC-SANTOS e o apoio do SONARE.

Na tradição historiográfica musical brasileira há um corpo de textos, as Histórias da Música Brasileira/no Brasil, que historicizam as práticas, contextos sociais, instituições e agentes da cena musical nacional, caracterizadas por um não rompimento com paradigmas das histórias ocidentais da música. No entanto, destas histórias da música, como a brasileira, além dos fatos positivos, extraem-se particularidades constituídas não só pelas idiossincrasias locais, mas sobretudo em como estas se relacionam com os projetos civilizatórios expondo-as a relações de dependência a plataformas epistemológicas assimiladas nos alinhamentos Norte-Sul da ocidentalidade. Desta forma, constroem-se os caminhos da patrimonialização de bens culturais através da organização de acervos e a legitimação de documentos históricos, de forma muito próxima ao paradigma historiográfico do dito Antigo Regime anterior ao advento da Escola dos Anais. O resultado dessa postura positivista foi uma prática historicista que mal se libertou da ideia de discutir a música no Brasil a partir de um cânone decorrente das grandes personalidades e de suas obras.

Porém, além da formação do cânone, há o que não é sistematizado, ou seja, os processos de apagamentos e memoricídios nos quais se projetam as hegemonias discursivas da sociedade dominante. Em síntese, é neste espaço entre o dito e o não dito que as estruturas enunciativas do historiografar passam a constituir e a definir a territorialidade da nossa musicologia, incluindo o nosso lugar no sistema-mundo. Para tanto, perscrutar a musicologia

na percepção dos movimentos hegemônicos, assim como dos movimentos “esquecidos” ou “velados” torna-se um exercício cíclico. Este compromisso requer-nos confrontar a historiografia na percepção dos discursos dominantes, mas também compreender as novas epistemologias que refletem sobre a cena musical a partir das territorialidades que emergem de nossa realidade geográfica-cultural de profunda diversidade, inclusive as performatividades e corporalidades não normativas, decolonizadas dos próprios paradigmas usados tradicionalmente em uma musicologia pouco atenta a práticas cotidianas e suas realidades discretas. Neste campo, devemos considerar questões contemporâneas que rompem a cadeia de um lócus elaborativo das dominâncias, assim como dos métodos de investigação e divulgação de nossas pesquisas. É um ambiente para pensar os lugares silenciados ou como a música se dá nas territorialidades informacionais que mudaram, nas últimas décadas, os padrões de produção, circulação, escuta e consumo da música. Da mesma forma, é um espaço para equacionar as questões identitárias, no sentido de melhor posicionar a musicologia para dialogar com as demandas de expressão de gênero, étnico-raciais e condições socioeconômicas, tanto artísticas como de engajamento sociopolítico.

Desafia-se assim a uma prática musicológica que se imponha uma renovação de seus enfoques de forma crítica e radical, inclusive a não interdição da criação e performance como formas de problematização da cena musical, emancipando o objeto musical da mediação escrita. Diante disso, nesta edição convidamos a comunidade estudiosa da música a pensar a historiografia musical brasileira numa perspectiva de suas hegemonias e contra-hegemonias, propondo discutir os modelos e o pensamento historiográfico adotado na produção de discursos locais, regionais e nacionais; dos métodos e entrelaçamentos interdisciplinares; dos impactos dos ambientes de escuta atuais; dos processos críticos numa era de realidades ampliadas e dissolução da autoridade acadêmica; das novas epistemologias de pesquisa; e, o papel do musicólogo neste processo, no qual a construção de narrativas historiográficas demandam atenção às pressões ideológicas e/ou filosófico-estruturais do presente. Por fim, pensar o fazer musicológico no que tange os planos de profissionalização na superação de modelos, e como exige acuidade crítica e posicionamento ético diante dos desafios contemporâneos.

Sem o apoio de tantos este evento não teria se concretizado. Assim, gostaríamos de agradecer a todos que permitiram dar continuidade à tradição deste evento científico. De início, agradecemos aos colegas da Co-

missão Organizadora, cuja colaboração e afincos foram fundamentais. Da mesma forma, agradecemos aos palestrantes e participantes dos painéis e encontros interdisciplinares que muito generosamente aceitaram nosso convite. Agradecemos também ao distinguido grupo de pareceristas, todos eles acadêmicos pesquisadores da cultura musical, personalidades de destaque na comunidade acadêmica brasileira.

Por último, mas não por isso menos importante, agradecemos às várias instituições que gentilmente concordaram em patrocinar a realização deste congresso, com destaque para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES – Código de Financiamento 001) e o SESC-Santos.

Que este evento seja uma experiência acadêmica e social positiva, que contribua não apenas na motivação dos musicólogos acadêmicos, profissionais e estudantes do país e do exterior, a se reunirem e dialogarem em torno da história e cultura musicais, mas também se constitua em espaço de intercâmbio e discussão que alicerce o fortalecimento dos esforços na salvaguarda e melhor conhecimento do nosso patrimônio musical.

Tenhamos todos um excelente congresso!

Programação (transmitida no canal ABMUS Youtube em formato híbrido)

Dia 1 - 14 de novembro (3ª feira)

9h - Recepção e credenciamento

10h - Cerimônia de abertura

10h30 PRÓLOGO/PRELÚDIO:

Desafios da historiografia frente à contemporaneidade

B. Magalhães-Castro, D. Machado Neto, M. Páscoa, F. Ribeiro

12h30 - Almoço

14h - Encontro Interdisciplinar 1 - Música, Política e Sociedade

Adalberto Paranhos (UFU)

15h30 - Intervalo

16h - Comunicações 1a e 1b

17h30 - Apresentação Prof. Dr. Carlos E. Kater (UFMG)

18h – Confraternização

Dia 2 - 15 de novembro (4ª feira)

9h - Painel A1: Romantismo e cientificismo do século XIX

Coord. Gustavo Benetti (UFMA), com G. Vieira Garcia (IFRJ) e M. Clímaco (UFG)

10h30 - Intervalo

11h - Painel B1: Historiografia a partir da crítica musical

Coord. Guilherme Goldberg (UFPEL), com L. Rodrigues (UNESP) e M. A. Volpe (UFRJ)

12h30 - Almoço

14h - Encontro interdisciplinar 2 - Música e Cinema

Coord. Rose Satiko Hikiji (USP), A. Boudreault-Fournier (UVic) e Y. Prado (USP)

15h30 - Intervalo

16h - Comunicações 2a e 2b

17h30 - Intervalo

18h - Plenária GTs ABMUS 1 - Projeto História da Música Brasileira

Dia 3 - 16 de novembro (5ª feira)

9h - Painele A2: Rupturas modernistas do século XX

Coord. Beatriz M. Castro (UnB), com A. G. Rêgo Souza (UFG) e R. Ulhôa (UFMG)

10h30 - Intervalo

11h - Painele B2: Epistemologias contemporâneas da música

Coord. Diósnio M. Neto (USP), com M. Páscoa (UEA) e E. V. de Lima (UFOP)

12h30 - Almoço

14h - Encontro interdisciplinar 3 - Música e História

Coord. Tânia C. Garcia (UNESP), com D. Corbi (UNESP) e T. Alecrim (UNESP)

15h30 - Intervalo

16h - Comunicações 3a e 3b

17h30 - Intervalo

18h - Plenária GTs ABMUS 2 (reuniões específicas)

Dia 4 - 17 de novembro (6ª feira)

9h - Painele A3: Permanências do positivismo

Coord. Pablo S. Blanco (UFBA), com A. Leoni (USP), M. A. Biason (CCLA), e F. Magre (FAMES)

10h30 - Intervalo

11h – Painele B3: Questões metodológicas

Coord. Marcos Virmond (UNICAMP), com A. Dantas Filho (UFMA) e L. Nogueira (UNICAMP)

12h30 - Almoço

14h - Encontro interdisciplinar 4 - Música e mídia / Gilberto Mendes

Coord. Rodolfo Coelho de Souza (USP) e H. Valente (UNIP), com S. Palermo Filho (UNISANTOS) e R. de C. Domingues (UFMT)

15h30 - Intervalo

16h - Plenária GTs ABMUS 3 (reuniões específicas)

17h30 - Intervalo

18h - Assembleia Geral ABMUS

Dia 5 - 18 de novembro (Sábado)

9h - Painel A4: Historiografia da Música Popular Brasileira

Coord. Fernando Magre (FAMES), Virginia de A. Bessa (UNICAMP)
e Silvano F. Baia (UFU)

10h30 - Intervalo

11h – 11h - Painel B4: Musicologia canibal

Martha Ulhôa (UNIRIO)

12h30 – Almoço

14h - Mesa Redonda: conversas musicológicas

15h30-16h – Intervalo (publicações)

16h - Epílogo/Coda Considerações finais

M. A. Volpe; A. G. Rêgo Souza; F. Magre; A. Dantas Filho

17h30 - Encerramento:

Outorga Prêmio André Guerra Cotta

Lançamento Prêmios ABMUS

18h - Confraternização

Participantes convidados e Caderno de Resumos

Paineis (p. 14)
Encontros (p. 30)
Comunicações (p. 37)

Painel A1: Romantismo e Cientificismo do século XIX

15/11 - 9h - Canal Auditório

Coord: Gustavo Benetti (UFMA)

Participam: Gilberto Vieira Garcia (UFF)

Magda Clímaco (UFG)

A música no Brasil, de Guilherme de Mello: recursos, perspectivas e contribuições à historiografia musical brasileira

Gustavo Frosi Benetti

Professor do Curso de Linguagens e Códigos / Música, Centro de Ciências de São Bernardo, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pós-Doutorado em Artes / Musicologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com estágio na University of Montana (UM). Mestre em História e Graduado em Música pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Membro do grupo de pesquisa “Música e Formação”, Coordenador do projeto de extensão “Quarta Cultural” e do projeto de pesquisa “Cantador: repertório brasileiro como recurso para percepção e leitura musical”. Realizou a edição crítica de “A música no Brasil”, de Guilherme de Mello, lançada em 2019 como 4ª edição.

Manoel de Araújo Porto-Alegre, o gênio musical brasileiro, a “casca” e o “miolo”

Gilberto Vieira Garcia

Atua nas áreas de Humanidades com ênfase em Artes: História e Música. Os termos mais frequentes na contextualização da produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: História da Educação Musical; História da Música no Brasil; Iconografia Musical; Ensino de História e Música; além de atuar também como músico instrumentista, compositor e arranjador. No momento atual, realiza um pós-doutoramento junto ao CESEM-Nova Lisboa, Portugal, tendo como foco investigar as ilustrações e caricaturas musicais realizadas pelo português Raphael Bordalo Pinheiro, durante o período em que morou no Rio de Janeiro, entre os anos de 1875 e 1879. É Doutor em Educação pela UFRJ. Realizou um estágio doutoral na EHESS

no *Centre des Recherches sur les Arts et le Language*, sob orientação do professor Dr. Esteban Buch. É Mestre em Educação pela PUCRio). Possui a licenciatura em Música pela UniRio e a licenciatura e o bacharelado em História pela UFRJ. As pesquisas realizadas para o doutoramento e para o mestrado têm como temática a História da Educação Musical no século XIX. Atualmente é Professor Adjunto de Artes do Instituto Federal.

***Colonialismo e música no tempo de Silvio Romero:
algumas observações***

Magda de Miranda Clímaco

Doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília; Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás ((UFG); Bacharel em Piano e Licenciada em música pela UFG. Professora Associada e pesquisadora da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da UFG. Integra o Laboratório de Musicologia da mesma instituição e o Caravelas - Centro de Pesquisas em História da Música Luso Brasileira/CESEM/Universidade Nova de Lisboa. Associada da Associação Brasileira de Musicologia (ABMUS); da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), da Associação Internacional de Música Popular/Rama América Latina (IASPM/AL). Tem vários trabalhos publicados em revistas científicas qualificadas, anais de congressos e capítulos de livros. Uma das criadoras e coordenadoras do Simpósio Internacional de Musicologia promovido anualmente desde 2011 pela Escola de Música e Artes Cênicas da UFG.

Painel B1: Historiografia a partir da crítica musical

15/11 - 11h - Canal Auditório

Coord: Guilherme Goldberg (UFPEL)
Participam: Lutero Rodrigues (UNESP)
 Maria Alice Volpe (UFRJ)

Oscar Guanabarro e a crítica musical no Brasil: elementos para a história da música

Guilherme Goldberg

Graduado em Canto e Instrumentos - Bacharelado em Piano pela Universidade Federal de Pelotas (1986), mestrado em Música, com ênfase em Práticas Interpretativas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), onde também concluiu seu doutorado em Música - Musicologia (2007). A tese aí desenvolvida (*Um Garatuja entre Wotan e o Fauno: Alberto Nepomuceno e o modernismo musical no Brasil*) mereceu menção honrosa no Prêmio Capes de Teses 2008. Pós-doutorado na linha de Musicologia Histórica junto ao CESEM, FCSH, na Universidade de Lisboa, onde desenvolveu a pesquisa *À procura de Artêmis, que trata do psicodrama lírico Artêmis, de Alberto Nepomuceno*. Nos últimos anos, tem desenvolvido pesquisa sobre crítica musical no Brasil, com especial atenção em Oscar Guanabarro. Atualmente é professor associado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e um dos criadores do Bacharelado em Ciências Musicais.

Brasil: um Império nas Américas e seu maior músico

Lutero Rodrigues

Estudou no Brasil e Alemanha. Tem Mestrado (UNESP) e Doutorado (USP) em Musicologia. Sua Tese de Doutorado, sobre o compositor Carlos Gomes, recebeu o Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música – 2010 e tornou-se livro, em 2011 (Editora UNESP). Atuou como Regente de diversas orquestras brasileiras, tendo sido também convidado a reger no exterior: Alemanha, Costa Rica, México, Espanha, Dinamarca e Colômbia. Dando ênfase ao repertório brasileiro, dirigiu mais de uma centena de estreias mundiais. Paralelamente, dedicou-se à pesquisa em Musicologia, inicialmente restrita ao Brasil, ampliando-se em seguida para Portugal e América Latina, cujo resultado encontra-se em dezenas de publicações.

Em 2002, foi eleito membro da Academia Brasileira de Música, e em 2010, tornou-se Professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, onde é Professor de Regência, Música no Brasil e também Professor da Pós-Graduação, na área de Musicologia Histórica.

Relações hermenêuticas entre o periodismo musical e a historiografia musical brasileira: questões identitárias

Maria Alice Volpe

Docente da cadeira de Musicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2002. Doutora (PhD) em Musicologia/Etnomusicologia pela University of Texas-Austin, EUA (orient.: Gerard Béhague). Mestre em Música/ Musicologia pela UNESP (orient.: Régis Duprat). Bacharel em Música: Piano (orient.: Beatriz Balzi). Dedicase à pesquisa da música brasileira do período colonial, séculos XIX e XX, bem como aos problemas teórico-conceituais e questões críticas da musicologia e das políticas científicas e culturais, com ênfase nas posturas interdisciplinares. Tem colaborado em publicações nacionais e internacionais: EDUSP, UMI-Research Press, Turnhout, Ashgate, Latin American Music Review, Die Musik in Geschichte und Gegenwart, Enciclopédia da Música Brasileira, Oxford Dictionary of Caribbean and Afro-Latin American Biography, Revue de Musicologie (França), Revista Brasileira de Música e Brasiliana. Conferencista convidada do Real Gabinete Português de Leitura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Biblioteca Nacional-Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Coimbra, King's College-Londres, Ibermúsicas-México, Università di Bologna, Fundação Calouste Gulbenkian-Lisboa, Ibero-Amerikanisches Institut-Berlin, Festival Villa-Lobos-M-VL, Simpósio Villa-Lobos-USP, Festival Internacional de Música do Pará, Simpósio Internacional Música e Crítica, Ano José Maurício na Antiga Sé: 250 Anos de Nascimento e Museu Imperial-Petrópolis. Apresentação de trabalhos em congressos da ANPPOM, Sociedade Portuguesa de Musicologia, American Comparative Literature Association (Utrecht, 2017), International Musicological Society (Zurich, 2007; Roma, 2012; Tokyo, 2017, Atenas, 2022), Association RIDIM-Répertoire International d'Iconographie Musicale (Atenas, 2017) e ARLAC-IMS (Havana, Cuba 2014; Santiago, Chile, 2016, Santos, Brasil, 2017; Buenos Aires, Argentina, 2019; Jaén, Espanha, 2022). Prêmios: Steegman Foundation Grant for South-American Scholar (IMS 2007); Music & Letters Trust – Oxford University Press (2008); IMS Tokyo Grant for Latin-American Scholar (2017). Coordenadora geral da da Série de Música Latino-Americana (desde 2002). Líder do Grupo de Pesquisa Novas Musicologias (UFRJ/CNPq). Fundadora e coordenadora geral do Simpósio Internacional de Musicologia da UFRJ (2010-2019), do Curso de Extensão 'Pedagogia da História da Música Brasileira para a Educação Básica' (desde 2018, anual) e de Musicologia

da Voz (2017). Editora-chefe da Revista Brasileira de Música (2010-2019). Editora da seção Brasil da revista *Glosas* (Portugal). Coordenadora do catálogo geral da obra de Carlos Gomes no projeto da Academia Brasileira de Música. Curadora do Museu Villa-Lobos para a exposição *Uirapuru, o Pássaro Encantado da Amazônia* (2018-2019) e para a mostra *Carnaval das Crianças Brasileiras* (2019-2020). Sócia-fundadora da Associação Regional da América Latina e Caribe da International Musicology Society (ARLAC-IMS) e da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical (TeMA). Presidente do Comitê Científico do IV Congresso ARLAC-IMS, Buenos Aires 2019. Membro do júri do Prêmio de Estudos Musicológicos Euro-Latino-Americanos Príncipe Francesco Maria Ruspoli (2014) e do Prêmio Otto Mayer Serra (2015 e 2019). Bolsista e consultora da FAPESP, FAPERJ, CAPES, CNPq e FBN. Proponente, membro-fundadora e coordenadora do Grupo de Trabalho “Música e Periódicos” da ARLAC/IMS (2019-atualidade). Membro eleito da Academia Brasileira de Música (Cadeira nº2).

Painel A2: Rupturas modernistas do século XX

16/11 - 9h - Canal Auditório

Coord: Beatriz Magalhães Castro (UnB)

Participam: Ana Guiomar Rêgo Souza (UFG)

Rachel Tupynambá de Ulhôa (UFMG)

Historiografia musical brasileira como operação musicológica em Andrade, Lange, Duprat e Correa de Azevedo: fragmentos de um “Heroe, egregio, douto, peregrino” esforço

Beatriz Magalhães Castro

Obteve o Premier Prix na Classe de Flauta - Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris, e graduação nas Classes de História da Música e Análise naquele conservatório (1985), Mestrado em Música (Master of Musical Arts, MMA) - The Juilliard School of Music (1987) e doutorado em Música (Doctor of Musical Arts, DMA) - The Juilliard School of Music (1992). Realizou estudos de pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa / Biblioteca Nacional de Portugal (2002-2008). Atualmente é professor associado III da Universidade de Brasília, foi Editora da Revista “Música em Contexto” (2007-2017) e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Música em Contexto da UnB (2004-2007; 2014-2017), o qual fundou e atuou como primeira Coordenadora. Tem experiência na área de Artes/Música, com ênfase em Musicologia e Performing Practices, atuando principalmente nos seguintes temas: música instrumental, difusão do classicismo musical, bibliotecas digitais, repertórios e fontes internacionais para a música Ibero-Americana, tradição e inovação na Música Brasileira Popular. Entre 2010-2016 atuou como tutora do Grupo-PET “Música em Etnografia” no Programa de Educação Tutorial (PET-MEC), no mapeamento das práticas musicais do DF e RIDE. É Presidente da Associação Brasileira de Musicologia (ABMUS), Coordenadora do Comitê RILM-Brasil e membro do Comitê RISM-Brasil e Vice-Presidente da IAML-Brasil-Seção brasileira da Associação Internacional de Bibliotecas de Música, Arquivos e Centros de Documentação Musical (IAML/AIBM), o qual fundou e coordenou desde 2009 até a sua formalização em 2014 (aprovação na Assembléia Geral da IMAL, Antuérpia, Julho de 2014). É membro da Commission Mixte do RISM (Frankfurt) como representante da IAML/AIBM internacional. Atualmente desenvolve monografia resultante da pesquisa como recipiente do Prêmio Bolsa de Pesquisa do Ministério da Cultura / Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, edição 2009-2010, focado sobre a Coleção Teresa Christina Maria e a prática da música instrumental durante os I e II Reinados.

Historiografia musical: entre permanências e rupturas em diálogo com a história cultural

Ana Guiomar Rêgo Souza

Doutora em História Cultural pela UnB. Mestre em Música pela UFG. Foi diretora da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da UFG (2010 a 2018). Coordena o Laboratório de Musicologia Braz Wilson Pompeu de Pina Filho (LABMUS EMAC). Preside o “Simpósio Internacional de Musicologia” desde 2011. Integra como membro externo o Núcleo CARAVELAS da Universidade Nova de Lisboa. É membro da Comissão para Cooperação Arquivística Institucional da UFG em parceria com o CIDARQ da UFG. Integra o “Núcleo Interdisciplinar de Patrimônios, Artes, Memórias, Habitar e Expressões Culturais da UFG”. É membro eleita da diretoria da Associação Brasileira de Musicologia - ABMUS. Publicou a coleção *O Grande Governador da Ilha dos Lagartos* e os livros *Musicologia e Diversidade, Musicologias em Interpelações Contemporâneas* (ambos pela Editora Apriss) e *Histórias das Músicas no Brasil: Centro-Oeste* (pela ANPPOM). Publica regularmente em revistas científicas qualificadas e em capítulos de livros. Atua como pesquisadora com foco nas temáticas “Músicas e Festas no Brasil” e “Patrimônio Musical e Arquivístico”. Recebeu do Governo do Estado de Goiás e do Conselho Estadual do Estado a Medalha do Mérito Cultural e o Certificado de Mérito Cultural pela importante contribuição à cultura goiana na área da música. Recebeu da Academia Goiânia de Artes e Letras do Estado de Goiás o Medalhão AFLAG - Mulheres que engrandecem o Estado e de Goiás”, além de Diplomas de Honra ao Mérito pelos relevantes serviços prestados à Cultura Goiana” concedido pela Câmara Municipal de Goiânia. Recebeu também a Comenda Colemar Natal e Silva concedido pela Câmara Municipal de Goiânia por indicação do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás.

A prática musicológica de Curt Lange: uma releitura como perspectiva para uma interpretação no século XXI

Rachel Tupynambá de Ulhôa

Doutora em Música e Cultura pela UFMG (2022); Mestre em Música - Educação Musical pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário Rio de Janeiro (1988); e, Especialista em Indústria Musical e Cultural pela UFU (1996), possui Graduação em música - piano (1986) e Graduação em Educação Artística (1991). Com larga experiência no ensino de artes nos níveis fundamental e médio (1983 - 2014), atuou também no ensino superior (2012 - 2017), bem como em projetos de extensão na área das artes - música. Foi Vice-Diretora (1998-1999) e Diretora do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez - Montes Claros, MG (2000 - 2002). Integra o Centro de Acervos Musicais Mineiros (CEAMM/CNPq) e a equipe de pesquisa do Acervo Curt Lange - UFMG.

Painel B2: Epistemologias contemporâneas

16/11 - 11h - Canal Auditório

Coord: Diósnio Machado Neto (USP)

Participam: Márcio Páscoa (UEA)

Edilson V. de Lima (UFOP)

Significação musical na hiperculturalidade: desafios em ambientes de multimídia, multidisciplinar e globalizado

Diósnio Machado Neto

Professor Livre-Docente do Departamento de Música da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), onde ministra aulas de História da Música; Música Brasileira; História da Teoria da Música Ocidental; Instrumento (Fagote) e Música de Câmara (sopros). É professor do programa de Pós-Graduação em Musicologia do Departamento de Música da ECA-USP, onde ministra as disciplinas de Análise da Historiografia Musical Brasileira e Música no Brasil Colonial. Possui graduação em Bacharel em Música – Habilitação Instrumento – pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1992), mestrado e doutorado em Musicologia pela Universidade de São Paulo (2001; 2008), tendo como orientadores José Eduardo Martins (mestrado) e Mário Ficarelli (doutorado). Teve como mentores de suas pesquisas Régis Duprat e Mário Vieira de Carvalho. Ingressou no corpo docente do Departamento de Música da ECA/USP em 2002. É membro do Italian and Ibero American Relationships Study Group (RIIA), sediado no IMLA-Veneza (Istituto per lo studio della musica latinoamericana durante il periodo coloniale). Tem apresentado trabalhos em importantes congressos no Brasil e no exterior, destacando participações em colóquios na Universidade Nova de Lisboa; Universidade do Minho; na Fundação Calouste Gulbenkian, na Universidade de Coimbra, na Sociedade Chilena de Musicologia e Associação Argentina de Musicologia; Sociedad Española de Musicologia; Università Ca Foscari, entre outras. É parecerista Ad hoc de agências de fomento como Fapesp; Fapemig, Fapeba e Capes. Recebeu Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese 2009 pela tese Administrando a Festa: Música e Iluminismo no Brasil Colonial;. É fundador da Associação Regional para América Latina e Caribe da International Musicology Society (ARLAC-IMS) e da Associação Brasileira de Musicologia (ABMUS) do qual atualmente é seu 1º secretário. Coordena o Laboratório de Musicologia do DM-FFCLRP (LAMUS). No nosso laboratório desenvolvemos pesquisas sobre processos ideológicos na música. Nesse sentido desenvolvemos linhas sobre estudos retóricos na música do período colonial brasileiro; estudos historiográficos; estudos dos processos migratórios e seu impacto na prática da música.

***Tópicos, pictorialismo e word-painting:
as muitas faces da mimesis***

Márcio Páscoa

É Professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes e na Graduação em Música. Na mesma instituição coordena o Laboratório de Musicologia e História Cultural e a Orquestra Barroca do Amazonas. É docente colaborador do CESEM-UNL. É autor de diversos livros, artigos científicos e capítulos em coletâneas, assim como em magazines e periódicos diversos. Editou diversas óperas do século XVIII e XIX, assim como música de concerto, parte delas pela coleção editorial que coordena (Clinamen) na própria UEA. Gravou cerca de 5 CDs e 1 DVD com a OBA, tendo se apresentado com ela por mais de 40 cidades de Brasil, Portugal, Espanha, França e Itália. Em 2017, recebeu o Prêmio Péricles de Moraes da Academia Amazonense de Letras por sua atuação cultural com a OBA. É membro da Academia Amazonense de Música.

Escuta e presença como produção de sentido

Edilson Vicente de Lima

Professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto, onde ocupa a cadeira de Musicologia. Doutor em Musicologia pela Universidade de São Paulo ? USP; Mestre em Música e Bacharel em Composição e Regência pela Universidade Estadual Paulista ? UNESP. Colaborou com partituras para a gravação de vários CDs com obras de André da Silva Gomes. Dirigiu e produziu os CDs Modinhas de amor (Paulus, 2004) e Lundu de Marrua (Paulus, 2008). Participou das publicações: A arte aplicada de contraponto de André da Silva Gomes (Arte e Ciência, 1998), Música Sacra Paulista (Arte e Ciência, 1999) e Música no Brasil colonial ? Vol. III (EDUSP/MIOP, 2004). Publicou o livro As Modinhas do Brasil (EDUSP, 2001). É coautor dos livros Música do Brasil Colonial ? VOL. IV (EDUSP/MIOP, 2015) e Revolução dos Cravos e os trânsitos coloniais (Ed. Kafka, 2016). Foi professor convidado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde ministrou as disciplinas de Prosódia Musical, Contraponto e Harmonia. Foi professor de História da Música e História da Música Brasileira e coordenador do Núcleo de Música da Universidade Cruzeiro do Sul (2002-2008).

Painel A3: Permanências do positivismo

17/11 - 9h - Canal Auditório

Coord: Pablo Sotuyo Blanco (UFBA)

Participam: Aldo Luiz Leoni (USP)
Mary Angela BIASON (CCLA)
Fernando Magre (FAMES)

O positivismo na historiografia musical no Brasil: um panorama

Pablo Sotuyo Blanco

Professor Titular da UFBA onde obteve seu doutorado em 2003, é um dos iniciadores de projetos nacionais relativos à documentação musical, incluindo o RIDIM-Brasil, do qual é atualmente o presidente, do capítulo nordestino do RIS-M-Brasil, vice-presidente da filial brasileira da Associação Internacional de Arquivos, Centros de Documentação e Bibliotecas de Música (IAML-Brasil) e presidente da ABMUS. Coordena o Acervo de Documentação Histórica Musical (ADoHM) da UFBA e o Núcleo de Estudos Musicológicos (NEMUS) da mesma universidade. Presidiu a Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais (CTDAISM) do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) em representação da UFBA entre 2015 e 2019. Ativo compositor e musicólogo, publicou a sua produção científica sobre música e iconografia musical no Brasil e no exterior. Atua na área de Música com ênfase em Musicologia Histórica, Teoria e Análise Musical, e Ciência da Informação aplicada em documentação musical.

Vincenzo Cernicchiaro: romantismo em tempos positivistas

Aldo Luiz Leoni

Doutorando no Programa Mudança Social e Participação Política da EACH-USP sob orientação do Professor Diósnio Machado Neto, membro do LAMUS - Laboratório de Musicologia. Estuda a presença afrodiáspórica nas bandas de música do Vale do Paraíba Paulista. mestre em História orientado pela professora Silvia Hunold Lara do CECULT – IFCH - UNICAMP na área de História Social da Cultura (Os que vivem da Arte da música) sobre as experiências dos músicos ao longo da história do Brasil: suas práticas e formas de expressão, os significados que conferiram a diferentes aspectos do cotidiano, bem como os modos pelos quais se viam e foram vistos por outros sujeitos em situações históricas específicas.

O livro de Iza de Queiroz Santos: crítica historiográfica musical

Mary Ângela Biason

Bacharel em Composição e Regência pela Universidade do Estado de São Paulo, continuou seus estudos musicológicos em Portugal e tem mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo. Especializou-se na organização de documentos musicais e desenvolveu trabalhos no Museu da Inconfidência e no Museu Carlos Gomes, publicando os catálogos temáticos e obras do repertório brasileiro dos séculos XVIII e XIX. Coordenou festivais de bandas na cidade de Ouro Preto e organizou exposições especiais sobre música em museus e galerias. Além de musicologia, estudou museologia em São Paulo e restauração de papel em Florença. Participou de dois processos para o Registro de Memória Mundial da UNESCO (Registro Nacional em 2014 e Registro Internacional em 2017), é membro fundador da Associação Brasileira de Musicologia, membro do Centro de Musicologia de Penedo, Alagoas e membro do Directorium da International Musicological Society (2022-2027). Trabalhou na Secretaria Municipal de Cultura de Campinas e atualmente é colaboradora no Museu Carlos Gomes.

O ato e o entreato: as vanguardas no livro “História da Música no Brasil” de Vasco Mariz

Fernando Magre

Musicólogo, Professor Titular em Musicologia Histórica na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (FAMES). Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Mestre em Musicologia na Universidade de São Paulo (USP), ambos com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Especialista em Regência Coral e Graduado em Licenciatura em Música pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisador no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM - Universidade Nova de Lisboa), onde desenvolveu pesquisas com auxílio da bolsa BEPE/FAPESP e com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) do governo português. Pesquisador no Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid) e membro do comitê editorial da Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia. Atuou como professor substituto de artes no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus São José dos Campos em 2018. Em sua pesquisa de doutorado investigou os processos de origem e desenvolvimento da prática de música-teatro no Brasil, seus agentes e desdobramentos na música brasileira. Suas pesquisas se concentram em torno da música dos séculos XX e XXI em geral e mais especificamente sobre a música brasileira, desde o ponto de vista da musicologia, história cultural e estudos de transferências culturais. Tem participado de congressos acadêmicos em diversos países, como Brasil, Portugal, Argentina, Espanha, EUA, Lituânia e Rússia.

Painel B3: Questões metodológicas

17/11 - 11h - Canal Auditório

Coord: Marcos Virmond (UNICAMP)

Participam: Alberto Dantas Filho (UFMA)

Lenita Nogueira (UNICAMP)

Musicologia & métodos: uma abertura à História

Marcos da Cunha Lopes Virmond

Marcos Virmond é livre-docente em Música e Doutor em Música pela UNICAMP, atuando como professor do Programa de Pós-graduação em música da mesma Universidade. Bacharel em regência pela USC, aperfeiçoou-se em composição e regência com Mo. Arlindo Teixeira, M^o Túlio Belardi e Mo Nestor Miguel Wennholz em Porto Alegre, além de cursos de extensão universitária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com Hans-Prien Bergrath da Alemanha e Ina Rojas do Uruguai. Dirigiu o Coro da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, o Madrigal ANIMA e a Orquestra de Câmara, ambos da Universidade do Sagrado Coração (USC-Bauru) e a Orquestra Sinfônica Municipal de Botucatu. Como compositor, teve obras orquestrais apresentadas no Brasil e exterior. Sua linha de pesquisa envolve as relações transatlânticas da música brasileira no século XIX, com particular foco em Antonio Carlos Gomes, ópera italiana do século XIX e iconografia musical.

Musicologia Histórica e experiências do tempo: Regimes de Historicidade

Alberto Dantas Filho

Alberto Dantas Filho, natural do Rio de Janeiro, é licenciado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em Ciências Musicais (Musicologia) pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), Portugal, onde estudou com Rui Vieira Nery, Manuel Carlos de Brito, Mário Vieira de Carvalho e Salwa El-Shawan Castelo-Branco, tem Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal do Piauí. Fundador do Curso de Licenciatura em Música da UFMA e do Programa de Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES-UFMA. Foi consultor musicólogo do Arquivo Público do estado do Maranhão, dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais – DAC, exercendo a Pro-Reitoria de Extensão por várias vezes. Atualmente é Vice-Presidente da Associação Brasileira de Musicologia - ABMUS, onde exerce também a função de Editor-Chefe da Revista Brasileira de Musicologia – RBMUS; é filiado à IMS (International Musicological Society). É líder do Grupo de Pesquisa em Musicologia da UFMA e coordena a implementação do Observatório de Pesquisas em Artes – OPA do PROF-ARTES; é membro do Núcleo de Musicologia – NEMUS, da UFPI e do Núcleo de Musicologia – NEMUS da Universidade Federal da Bahia. É regente e flautista, dedicando-se à música do período barroco. Publicou o vol. 5 da coleção Música do Brasil da FUNARTE e da coletânea, em quatro volumes, A Grande Música do Maranhão Imperial. É Professor Associado do Departamento de Música do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão – FAPEMA. Contato: alberto.dantas@ufma.br/apdf62@gmail.com - ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7315-4754>

***O acervo de manuscritos musicais do Museu Carlos Gomes:
Memória, história e práticas musicais oitocentistas***

Lenita Nogueira

Docente do Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp, onde leciona as disciplinas História da Música, História da Música Brasileira e Apreciação Musical, além de atuar na Pós-Graduação, orientando dissertações e teses. Bacharel em Música pela mesma universidade, mestre em Artes pela USP e doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, tem como foco principal de suas pesquisas a música brasileira, em especial dos séculos XVIII e XIX.

Publicou os livros *Maneco Músico, pai e mestre de Carlos Gomes*; *A Lanterna Mágica e o Burrico de Pau: Memórias e Histórias de Carlos Gomes*; *Museu Carlos Gomes: Catálogo de Manuscritos Musicais*, *Música em Campinas nos últimos anos do Império* e *Todas as Notas: Comentários para os programas da Orquestra Sinfônica da Campinas 2003-2016*, além de ter colaborado em diversas publicações. Atua também como curadora do Museu Carlos Gomes em Campinas, SP.

Painel A4: Historiografia da Música Popular Brasileira

18/11 - 9h - Canal Auditório

Coord: Fernando Magre (FAMES)
Participam: Virgínia de Almeida Bessa (UNICAMP)
Silvano Fernandes Baia (UFU)

Fernando Magre

Musicólogo, Professor Titular em Musicologia Histórica na Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (FAMES). Doutor em Música pela UNICAMP e Mestre em Musicologia na USP, ambos com bolsa da FAPESP. Especialista em Regência Coral e Graduado em Licenciatura em Música pela UEL. Pesquisador no CESEM - Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolveu pesquisas com auxílio da bolsa BEPE/FAPESP e com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) do governo português. Pesquisador no Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid) e membro do comitê editorial da Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia. Atuou como professor substituto de artes no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus São José dos Campos em 2018. Em sua pesquisa de doutorado investigou os processos de origem e desenvolvimento da prática de música-teatro no Brasil, seus agentes e desdobramentos na música brasileira. Suas pesquisas se concentram em torno da música dos séculos XX e XXI em geral e mais especificamente sobre a música brasileira, desde o ponto de vista da musicologia, história cultural e estudos de transferências culturais. Tem participado de congressos acadêmicos em diversos países, como Brasil, Portugal, Argentina, Espanha, EUA, Lituânia e Rússia.

Tinhorão para além de Tinhorão: balanço de um legado à historiografia da música popular

Virgínia de Almeida Bessa

Virgínia de Almeida Bessa é mestre e doutora em História Social pela USP, onde também concluiu o bacharelado em História e as licenciaturas em História e em Música. Foi professora substituta de História da Música no Instituto de Artes da Unesp e Pós-Doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros da USP e na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França). Atualmente, é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Música da Unicamp e pós-doutoranda sênior (bolsista CNPq) no Departamento de História da FFLCH-USP. Investiga as relações

entre história, música e cultura sonora, com ênfase em música popular, teatro musicado, indústria fonográfica. Integra a linha de investigação Literatura, Humanismo e Cosmopolitismo do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (Portugal) e o grupo de pesquisa Entre a História e a Memória da Música. É autora do livro *A escuta singular de Pixinguinha*, vencedor do Prêmio Funarte de Produção Crítica em Música (2010), e coorganizadora do volume *Sudeste* da coleção *Histórias das Músicas no Brasil* (Anppom, 2021).

A historiografia e as histórias das músicas populares do Brasil

Silvano Fernandes Baia

Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2010), mestre em Música pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (2005) e bacharel em Música com habilitação em violão pela mesma instituição (2001). Realizou estágio de pós-doutorado no Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies, King's College London (2014/2015). É professor no Curso de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia desde 2008, e docente no Programa de Pós-graduação em Música da UFU. Autor do livro "A historiografia da música popular no Brasil: análise crítica dos estudos acadêmicos até o final do século XX", publicação da tese de doutorado. Atualmente tem como projeto de pesquisa o estudo histórico e musicológico da canção anglo-americana, e atua no circuito musical de Uberlândia como guitarrista, cantor e gaitista na banda Footnotes.

Painel B4: Musicologia canibal

18/11 - 11h - Canal Auditório

Coord: Martha Ulhoa (UNIRIO)

Musicologia canibal: descolonizando o outro externo e interno

Martha Ulhôa

Martha Tupinambá de Ulhôa é docente do PPGM – UNIRIO e pesquisadora do CNPq. É autora de Aspectos sobre a valsa no Rio de Janeiro no longo século XIX: de folhetins, música de salão e serestas e coeditora de Música popular na América Latina: Pontos de Escuta, Made in Brazil: Studies in Popular Music e Canção romântica: Intimidade, mediação e identidade na América Latina.

Encontro Interdisciplinar 1 - Música e Sociedade

14/11 - 14h - Canal Auditório

Música, Política e Sociedade

Adalberto Paranhos

Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor visitante da Universidade de Lisboa. Mestre em Ciência Política (Unicamp, 1997), doutor em História (PUC-SP, 2005), com pós-doutorado em Música (Unicamp, 2016). Pesquisador do CNPq. Ex-vice-presidente e ex-presidente da IASPM-AL (seção latino-americana da International Association for the Study of Popular Music). Editor de *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*. Autor, entre outros livros, de *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalho no Brasil* (2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007) e *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”* (São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015). Coorganizador de *História e imagens: textos visuais e práticas de leitura* (Campinas: Mercado de Letras/Fapemig, 2010). Assessor da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo), da Fundect (Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul) e da Fapeg (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás). Participa de conselhos editoriais e consultivos de 11 publicações do Brasil e do exterior, entre as quais *Contrapulso: Revista Latinoamericana de Estudos em Música Popular e Música Popular em Revista*, *História*, *Projeto História*, e de uma editora acadêmica. Publicou artigos em revistas especializadas e capítulos de livros na Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal, entre os quais *Música popular en América Latina* (Santiago de Chile: IASPM-AL, 1999), *Brazilian popular music and citizenship* (Durham & London: Duke University Press, 2011), *Culturas cruzadas em português: redes de poder e relações culturais – Portugal-Brasil, séc. XIX-XX – vol. III – Arte, educação e sociedade* (Coimbra: Almedina, 2015), *Made in Brazil: studies in popular music* (New York & London: Routledge, 2015), *Apuntes y reflexiones sobre las artes, las historias y las metodologías – vol. 3* (Santiago: Ril/Universidad Autónoma de Chile, 2019) e *Aires de la tierra: imaginários sonoros de la nación en América Latina* (Madrid: Sílex Ultramar, 2022). Entre os temas mais frequentes de seus estudos se encontram música popular brasileira, símbolos nacionais, identidade, samba, malandragem, Bossa Nova, historicidade das canções, relações de poder, relações de gênero, corpo, sexualidade, ideologia, hegemonia, “Estado Novo”, governo Vargas, trabalho, trabalhismo, nacionalismo e censura.

Encontro Interdisciplinar 2 - Música e Cinema 15/11 - 14h - Canal Auditório

Filmar o musicar

Rose Satiko Gitirana Hikiji

Antropóloga e documentarista brasileira, neta de japoneses que chegaram a São Paulo nos anos 1930 e de sergipanos com raízes indígenas, africanas e europeias. Professora livre-docente no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Vice-coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP). Autora dos livros *Imagem-violência – Etnografia de um cinema provocador* (2013) e *A música e o risco* (2006), co-autora de *Lá do Leste* (2013), co-organizadora de *A experiência da imagem na etnografia* (2016), *Bixiga em Artes e Ofícios* (2014), *Antropologia e Performance* (2013), *Escrituras da Imagem* (2004) e *Imagem-Conhecimento* (2009). Dirigiu ou co-dirigiu diversos filmes etnográficos, incluindo *Afro-sampas* (2020), *Woya Hayi Mawe – Para onde vais?* (2018), *Tabuluja (Acordem!)* (2017), *Violão-Canção: Uma alma brasileira* (2016), *The Eagle* (2015), *Fabrik Funk* (2015), *A arte e a rua* (2011), *Cinema de quebrada* (2008). Desenvolve atualmente a pesquisa “Ser/tornar-se africano no Brasil: Fazer musical e patrimônio cultural africano em São Paulo”, em parceria com Jasper Chalcraft. Foi pesquisadora principal do projeto temático FAPESP “O musicar local: novas trilhas para a etnomusicologia” entre 2016 e 2023. É bolsista de produtividade do CNPq.

Filmar a música, musicar o filme: o olhar/escutar do músico-cineasta

Yuri Prado

Pós-doutorando em Antropologia Social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Realizou estágio de pesquisa na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), em Paris. Formado em Música (Composição) pela ECA-USP, possui Doutorado Direto pela mesma instituição, com estágio de pesquisa em etnomusicologia na Université Paris VIII. É autor de “Estruturas musicais do samba-enredo” (EDUERJ, no prelo) e, recentemente, produziu os filmes “Um passo para vencer”, “Dois Irmãos” e “Open Gasy”.

La Tumba Mambi: Collaboration in a Time of Change
(La Tumba Mambi: colaboração em um tempo de mudança)

Alexandrine Boudreault-Fournier

Associate Professor at the University of Victoria, she teaches Visual Culture, Visual Anthropology and The Anthropology of Sound. She conducts research on electronic music, media infrastructure, and digital data consumption and circulation in Cuba since the year 2000. She wrote the book *Aerial Imagination in Cuba: Stories from Above the Rooftops* (2019) and co-edited the volumes *Organized Sound: Musicologies of Infrastructure* (Oxford University Press, 2020) and *Urban Encounters: Art and the Public* (McGill University, 2017). Since 2019, Alexandrine is the Editor-in-Chief of *Anthropologica*, the Canadian Anthropology Society main journal.

Professora associada na Universidade de Victoria, ensina Cultura Visual, Antropologia Visual e Antropologia do Som. Realiza pesquisas sobre música eletrônica, infraestrutura de mídia e consumo e circulação de dados digitais em Cuba desde o ano 2000. Escreveu o livro *Aerial Imagination in Cuba: Stories from Above the Rooftops* (2019) e coeditou os volumes *Organized Sound: Musicologies of Infrastructure* (Oxford University Press, 2020) e *Urban Encounters: Art and the Public* (Universidade McGill, 2017). Desde 2019, Alexandrine é editora-chefe da *Anthropologica*, o principal periódico da Sociedade Canadense de Antropologia.

Encontro Interdisciplinar 3 - Música e História 16/11 - 14h - Canal Auditório

**A escrita da história da música e seus problemas:
memória, identidades e redes de sociabilidade**

***Música popular também é cultura: em busca de consensos
entre Estado e sociedade civil em tempo de ditadura***

Tânia da Costa Garcia

Professora livre docente em História da América do Departamento de História da UNESP e do curso de Pós graduação em História da mesma Instituição. Coordenadora do grupo de pesquisa História e Música, filiado ao CNPq. Autora dos livros *Do Folclore à militância. A canção latino-americana no século XX* (Editora Letra e Voz, 2021), e *O it verde e amarelo de Carmen Miranda (1930-1945)* (Annablume/FAPESP, 2005), além de outros trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

***Narrativas sobre a brasilidade em música:
o caso do “Roots” do Sepultura (1996)***

Thales Reis Alecrim

Bacharel e Mestre em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP na linha de História e Cultura Social, e doutorando pela mesma instituição. Possui ainda MBA em Cultura Material e Consumo (2021) pela USP, e é investigador em formação em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa. Membro do grupo História e Música, filiado ao CNPq. Possui artigos e capítulos de livro publicados no Brasil e no exterior.

***Estratégias de escrita dos memorialistas de 1930:
a música popular brasileira entre linguagens e discursos***

Denis Corbi

Bacharel e Mestre em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP na linha de História e Cultura Social, e doutorando pela mesma instituição. Membro do grupo História e Música, filiado ao CNPq. Tem experiência no campo da Música como instrumentista, compositor, pesquisador e professor. Atua na área de História e Música, com ênfase em teorias da Memória aplicadas à História da Música Popular Urbana e suas historiografias correspondentes. Ministra aulas na Unesp nos cursos de História e de Relações Internacionais, na condição de bolsista didático.

Encontro Interdisciplinar 4 - Música e mídia

Gilberto Mendes

17/11 - 14h - Canal Auditório

Rodolfo Coelho de Souza

Professor Titular do Departamento de Música da Universidade de São Paulo, vinculado à Faculdade de Filosofia Ciências de Letras de Ribeirão Preto. Atua como orientador de doutorado na Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestrado em Musicologia na ECA-USP (1994) e Doutorado em Composição Musical na University of Texas at Austin (2000). É coordenador do LATEAM - Laboratório de Teoria e Análise Musical do DM-FFCLRP-USP. Foi presidente da TeMA - Associação Brasileira de Teoria e Análise Musica (2019-2022) e editor do periódico Musica Theorica da TeMA (2016-2019). É bolsista de Produti-vidade em Pesquisa PQ2 do CNPq.

Pelas ondas radiofônicas, uma lua entre sombras, a lua de Manakoora dança hula-hula com Gilberto Mendes

Heloísa de A. Duarte Valente

É mestre e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós-doutoramento em Cinema, Rádio e Televisão (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Pro-fessora titular do Programa de Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista- UNIP tem, como principais linhas de investigação a semiótica musical e estudos interdisciplinares nos campos da música, comunicação e semiótica da cultura e da mídia. Tem uma dezena de livros publicados. Fundadora do Centro de Estudos em Música e Mídia – MusiMid e editora-chefe da Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia.

Narratividade e virtualidade em Santos Football Music de Gilberto Mendes

Silas da Luz Palermo Filho

Nascido em 1970 na cidade de Santos, iniciou estudos ao piano no Conservatório Musical Beethoven (1988). Em seguida estudou Piano Popular na ULM (1991) e torna-se Bacharel em Música pela Universidade Lusíadas (1993). Passa a conviver e a estudar composição contemporânea com o Dr. Gilberto Mendes (1994). Também estuda composição com o Dr. Edmundo Villani-Côrtes (2007). Cursa Im-provisação Livre (USP 2010) com o Dr. Rogério Costa, obtém Licenciatura em Artes (FACEP, 2011). Mestre em Educação, Artes e História Cultural pela Universidade Mackenzie (2016) e Doutorado em Música pela ECA-USP (2023) sob orientação do Dr. Rodolfo Coelho de Souza.

Obteve o primeiro lugar no Festival da Canção SESC/Maringá categoria Música Instrumental com quarteto de Jazz Fusion (1990). Possui várias composições, dentre elas: *Webern bop*, *Perpetuum*, *Synth Concert* - composições para sintetizador e orquestra estreadas no Festival Música Nova e na Bienal de Artes (2001 – 2002), pela OSMS (Orquestra Sinfônica Municipal de Santos). Peças para piano: *Tendre* (2002) dedicada e executada pela pianista Françoise Choveaux; *3 Miniaturas Brasileiras* (2002), dedicada e gravada pelo pianista Antonio Eduardo dos Santos; *Dança dos Mestres* (2008); *Choro Santista* (2021), executada e gravada em Berlim pelo pianista Allan Manhães; *12 Fundamentos* (2020) estreada no X Encontro Internacional de Pianista e Professores de Piano de Piracicaba em 2023. Atuou como um dos compositores selecionados para o São Paulo Contemporary Composers Festival (2019) com a obra *Danças Litorâneas (Coastal Dances)* para trio, clarinete, violoncelo e piano, executada pelos músicos Luis A. Montanha, Raiff D. Barreto e Leandro Roverso. Também atua com composições eletroacústicas e mistas, como *Trompe L'oreille* - composição eletroacústica estreada no NYCEMF (New York City Electroacoustic Music Festival) pela University of New York (2020); *Síntese do Estudo de Síntese* (2020), *Maquinimica-mente* (2022) ambas para piano solo e eletrônica - composições estreadas no Festival Música Nova (2020) e na 2a. Semana Cultural Gilberto Mendes (2020), e em Portugal no Encontro Internacional de Música (ENIM 2022) pela Universidade de Aveiro. Recentemente estreou sua *Suíte para violino e piano*, *12 Cenas de Devoção*, no Instituto de Artes de UFRGS, esta obra também como defesa de dissertação de mestrado do André Borba (violino) sob orientação do professor Dr. Fredi Gerling.

Tem participado de várias edições do Festival Música Nova (2019, 2020, 2022), projeto Música Rara (Brasil/Moscou - 2021), algumas obras publicadas no canal IPB (Intituto Piano Brasileiro), além de congressos e artigos publicados em revistas especializadas, e colunista de Revista Teclas&Afins. Atuou como professor visitante no Canzion Atlanta Institute USA (2008-2009); também como professor assistente na Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), é professor titular do Conservatório de Música de Cubatão atuando nas disciplinas de piano, harmonia e análise, contraponto, composição, música&tecnologia.

Gilberto Mendes e os mares minimalistas

Rita Domingues dos Santos

É professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Mato Grosso e do curso de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da mesma Instituição. Realizou estágio pós doutoral (2021/2022) na USP, sob a supervisão de Rodolfo Coelho de Souza. É coordenadora do grupo de pesquisa ContemporArte, filiado ao CNPq. Autora dos livros *Repensando a Terceira Fase Composicional de Gilberto Mendes* (2019); *Gilberto Mendes*; entrevistas acadêmicas (com Fernando Magre/ 2022); e *Gilberto Mendes e seu Rizoma* (com Sérgio Ribeiro - no prelo); além de capítulos de livros, coletâneas e artigos.

Mesa Redonda: conversas musicológicas
18/11 - 14h - Sala 1

Coord: Diretoria ABMUS

Participam: Coordenadores dos painéis e dos
encontros interdisciplinares

Descrição: As conversas musicológicas é um espaço de interação entre coordenadores dos painéis e encontros interdisciplinares, convidados e participantes, numa discussão na avaliação dos desafios e formulação de propostas e espaços para a historiografia musical brasileira como suporte para pensar a musicologia na contemporaneidade.

Resumos das Comunicações

Dia 1 (14/11)

Canal Sessão 1 – 16:00 h p. 38

Canal Sessão 2 – 16:00 h p. 44

Dia 2 (15/11)

Canal Sessão 3 – 16:00 h p. 52

Canal Sessão 4 – 16:00 h p. 59

Dia 3 (16/11)

Canal Sessão 5 – 16:00 h p. 66

Canal Sessão 6 – 16:00 h p. 79

Comunicações - Sessão 1–14/11-16:00h - Canal YouTube

Música e estudos de gênero: uma vivência em uma disciplina de História da Música na pós-graduação

Hugo Romano Mariano

Este é um relato de experiência com intuito de divulgação científica e de interlocução acadêmica: contém a descrição da vivência e apresentação do seminário “Entre a Música e os Estudos de Gênero: um olhar dialógico para o século XIX”, apresentado em 2021 em uma disciplina de História da Música na pós-graduação. São alguns dos aportes teóricos desta reflexão: a noção de Corporalidade Musical, de Jorge Luiz Schroeder (2006 e 2010), e a conceituação de Gênero, da pesquisadora Helena Altmann (2015), tomadas para explicitar a urgência desta temática no Ensino Superior. Esta análise se constituiu como um exercício historiográfico para compreender os fluxos de sentidos no referente às noções sobre corpo, masculinidade e feminilidade amalgamadas à Música cujas concepções binárias heteronormativas foram possíveis de serem entendidas à luz do contexto oitocentista suscitado.

Comunicações - Sessão 1–14/11 - 16:00h - Canal YouTube

Musicologia, esquecimento e memória: o caso dos Festivais da Guanabara

Semitha Matos Heloisa Cevallos

Os Festivais da Guanabara (1969/1970) se impõem como relevante acontecimento, não somente para a história da música de concerto brasileira da segunda metade do séc. XX, bem como para a narrativa artístico-nacional, trazendo o entendimento de que a “Era dos Festivais” também compreendeu, não somente eventos de música popular, mas igualmente, de música de concerto. Por que, então, somente 50 anos depois de seu acontecimento, os Festivais da Guanabara foram objeto de estudo musicológico? A ausência da musicologia na universidade anterior aos anos 1980, pode ser um dos motivos pelos quais existem muitos hiatos na narrativa musicológica brasileira e, conseqüentemente, no discurso nacional como um todo.

Comunicações - Sessão 1–14/11-16:00h - Canal YouTube

Contribuições dos modelos historiográfico-musicais propostos no Uruguai no século XX para pensar a musicologia no século XXI

Leonardo Manzino

A presente proposta aborda questões relacionadas aos problemas historiográficos na esfera ibero-americana (Eli Rodríguez et al [editores] 2021) e abordagens da historiografia musical como discurso local no Uruguai e seu impacto regional. Considera os fundamentos atuais da historiografia musical uruguaia estabelecidos no século XX que enriquecem a proposta do IV Congresso da Associação Brasileira de Musicologia para pensar a Musicologia na contemporaneidade. Contribui para aprofundar esta reflexão ao acrescentar, aos elementos da historiografia musical brasileira, um estudo de caso uruguaio para favorecer a construção de uma visão regional e ibero-americana. Identifica princípios epistemológicos utilizados por Francisco Curt Lange e Lauro Ayestarán (continuados por Yolanda Pérez Eccher, Susana Salgado e ampliados pela próxima geração de musicólogos uruguaio) para abordar questionamentos levantados (entre meados da década de 1980 e as duas primeiras décadas do século XXI) pela New Musicology, a Critical Musicology e a ideia de uma musicologia global (Chúa 2022). A reflexão crítica com que este trabalho contribui assenta-se num princípio axiomático: a Musicologia, independentemente das abordagens e contextos onde é praticada, tem a música como objeto de estudo. A análise dos modelos historiográfico-musicais utilizados no Uruguai abrange textos sobre música independentemente do leitor-alvo: explora livros unitários rotulados com os títulos “Historia de la música en Uruguay” e “Música en Uruguay”, monografias, artigos científicos publicados em revistas especializadas, artigos de divulgação publicados na imprensa cultural, trabalhos apresentados em encontros científicos, materiais de referência e documentos de gestão acadêmica (planos de trabalhos e pesquisas e planos de estudos universitários em Musicologia com programas e biblio-

grafias dos cursos). Além disso, atende-se ao alerta de David Beard e Kenneth Gloag (2005:11) de que uma concepção ampla da Musicologia —entendida como a prática de estudar a música e pensar sobre ela fora do processo criativo, a fim de fornecer uma perspectiva clara sobre ele, a obra musical e seu contexto sociocultural— contrasta com o enfoque em aspectos específicos da atividade musicológica como a análise e aplicação de modelos historiográfico-musicais.

É considerada a etapa fundadora da atividade musicológica no Uruguai que surgiu com o trabalho de Lange e Ayestarán durante a década de 1930 no Instituto de Estudos Superiores; o trabalho de Ayestarán, Carlos Giucci e Antonio Álvarez Varela desenvolvido a partir da década de 1940 na Seção de Musicologia do Museu Histórico Nacional; e a atividade musicológica desenvolvida na Universidade da República desde 1946 por Ayestarán, Kurt Pahlen, Alberto Soriano e Carlos Estrada. Explora uma segunda fase desta atividade, entre 1974 e 2000, pautada —no plano da sua institucionalização— por alterações no organograma da Universidade da República com a fusão, em 1974, de dois serviços universitários no Conservatório Universitário de Música (rebatizado em 1986 como Escola Universitária de Música). Os serviços fusionados foram o Conservatório Nacional de Música (dependente da Reitoria desde 1954) e o Departamento de Musicologia (dependente da Faculdade de Humanidades e Ciências criada a partir de 1946). A terceira etapa de institucionalização pela qual passou a Musicologia no Uruguai desde o ano 2000 acrescenta, aos desafios epistemológicos atuais da própria disciplina na América Latina, os desafios causados por sua atual institucionalização acadêmica integrada em um Instituto de Música em uma Faculdade de Artes da Universidade da República criada em 2021.

As questões abordadas pelo presente trabalho a partir do estudo dos modelos historiográfico-musicais aplicados como discurso local no Uruguai, reúnem:

a) tensões provocadas na historiografia musical pelo confronto de uma concepção ampla da Musicologia (Beard e Gloag 2005:11) e o foco da Musicologia histórica —campo que acolheu a historiografia musical na origem da Musicologia;

b) a revisão, para a produção musicológica na América Latina (Claro 1967; Grebe 1976; Stevenson 1991; Manzano 1993; Waisman 2019), da observação de Joseph Kerman (*Contemplating Music* 1985) sobre o foco excessivo no “texto” (manuscritos, cronologia, catalogação, edição, biografia, transcrição e prática interpretativa) em detrimento dos aspectos críticos e in-

terpretativos da abordagem pós-estruturalista que explora desenvolvimentos na análise musical e na teoria literária (Beard e Gloag 2005:60);

c) a consideração de observações ao cânone da música ocidental de tradição escrita (focadas em alguns aspectos) levantadas pela New Musicology (a partir de uma perspectiva localista baseada nos Estados Unidos pela atividade docente do musicólogo em instituições universitárias voltadas principalmente para o modelo das artes liberais) e a ideia da Critical Musicology (de evitar novas ortodoxias e grandes narrativas que compõem macro histórias) que beiram posições anacrônicas em relação ao estudo da música do passado e que, com foco descentrado na música, aplicam aspectos da Teoria Crítica; um termo-guarda-chuva que, segundo Beard e Gloag (2005:29), resiste a uma definição como conceito e desloca o objeto de estudo (a música) para objetos de estudo e problematizações próprias de outras disciplinas do campo das Humanidades;

d) a proposta do pós-modernismo de deslocar o positivismo e o conceito de autonomia da obra musical como objeto de estudo proposto pelo modernismo (Beard e Gloag 2005:92);

e) o questionamento da validade ou não do positivismo; e, para as posições que reivindicam sua validade, se é válida em todos os seus termos ou por qual deles;

f) análise da relevância e oportunidade na Ibero-América para uma musicologia global (Chúa 2022).

Bibliografía

Beard, David e Kenneth Gloag. *Musicology. The Key Concepts*. Routledge, New York, 2005.

En, desde y hacia las Américas. Músicas y migraciones transoceánicas, editado por Victoria Eli Rodríguez, Javier Marín-López, Belén Vega Picacho. Madrid: Dykinson, 2021.

Claro, Samuel, 1967. “Hacia una definición del concepto de musicología. Contribución a la musicología hispanoamericana”. *Revista Musical Chilena* 21 (237), 8-25.

Chúa, Daniel e Malena Kuss. “Explorando los fundamentos de una musicología global. Conferencia inaugural del IV Congreso de ARLAC/IMS. Buenos Aires, 5 de noviembre de 2019”. *Revista Musical Chilena* 76 n° 237 (2022), 213–222.

Grebe, María Ester. “Objeto, métodos, técnicas de investigación en etnomusicología: algunos problemas básicos”. *Revista Musical Chilena*, 30 n° 133 (1976), 5–27.

Kerman, Joseph. *Contemplating Music. Challenges to Musicology*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1985.

Manzino, Leonardo. “Musicología Uruguay e Investigación: Barroco Musical Sudamericano, Música Colonial y Música Uruguay Republicana del Siglo XIX. Memoria de las Jornadas de Extensión 2013 – *Musicología en el Uruguay: Aportes a la Construcción de su Campo de Estudio*”, ed. Gustavo Goldman et al, 79-98. Montevideo: Perro Andaluz Ediciones, 2014.

_____. “The Montevideo Collection of South American Baroque Villancicos: 1650 – 1750”. Tese de Doutorado em Filosofia (PhD) opção Musicologia. The Catholic University of America. Ann Arbor, Michigan: University Microfilm International, 1993.

Stevenson, Robert, 1991. “Keynote address”. *Proceedings. Eighth Inter-American Music Education Conference*, Organization of American States, Washington D.C.

Waisman, Leonardo. *Una historia de la música colonial hispanoamericana*, Gourmet Musical, Buenos Aires, 2019.

Comunicações - Sessão 2 – 14/11 - 16:00h - Canal YouTube

Saudade e identidade cultural brasileira: um diálogo semiótico entre Pintura e Música

Cleisson Melo

A cultura brasileira é rica e se apresenta de forma diversa, resultado de uma mistura de influências. No mesmo sentido, a saudade é um sentimento que remete à nostalgia, à lembrança de algo ou alguém que já se foi, e está muito presente na cultura brasileira. Profundamente enraizado na alma do povo brasileiro, tem sido tema recorrente nas mais diversas produções artísticas do país, especialmente na música. Esse sentimento, muitas vezes visto como uma marca imanente da identidade cultural brasileira, encontra sua expressão não apenas na música, mas também na pintura, formando um rico panorama de representações visuais e sonoras ao longo dos séculos. A saudade, assim, se mostra, de alguma forma, ligada à construção de uma identidade cultural brasileira.

A partir da perspectiva semiótica, é possível analisar como a saudade é expressa na cultura brasileira, por meio de signos como a música, a pintura, a literatura, entre outros. A música popular brasileira, por exemplo, é rica em canções que falam de amores perdidos, lugares distantes, ou mesmo de uma época que já passou, expressando a saudade de forma poética, melancólica e diversa. Da mesma forma, a pintura também expressa a saudade por meio de imagens que remetem e revelam elementos simbólicos que contribuem significativamente para a construção e o entendimento da saudade como elemento presente na cultura brasileira. Assim, a semiótica tem sido uma profícua ferramenta nos mais diversos tipos de análise, mas especialmente pela sua capacidade de desvelar múltiplas camadas de significados, buscando compreender como os elementos visuais e musicais interagem, como os signos são construídos e como as representações culturais são transmitidas e possivelmente interpretadas.

Podemos primeiramente considerar a análise da iconografia da saudade em pinturas brasileiras. Se tomarmos como exemplo a icônica obra “Saudade” (1899), do pintor brasileiro Almeida Junior (1850-1899), esta está

repleta de elementos simbólicos, apresentando uma paleta de cores carregadas de significados, uma composição que cria uma atmosfera de melancolia, tristeza, saudade em camadas, e uma personagem que emana esse sentimento/emoção em cada traço.

Da mesma forma, a saudade na música brasileira é igualmente relevante. A obra “Bachianas Brasileiras N. 05”, de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), por exemplo, nos oferece um vasto e fértil terreno investigativo. Elementos melódicos, harmônicos e líricos, mas também representações de elementos culturais, trazem, de certa forma, um ar saudosista à obra. Também temos um arcabouço muito rico em representação em músicas como “Asa Branca” (1947) de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira, ou mesmo “Chega de Saudade” (1956) de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

A integração da análise pictórica e musical é um passo importante nesta pesquisa. Há uma relação direta ou indireta? Como as representações de saudade na pintura se relacionam com as representações na música? Como essas duas formas de arte dialogam e se complementam na expressão da saudade? A semiótica, neste sentido, nos permite traçar possíveis conexões entre elementos visuais e musicais, revelando como ambos contribuem para a construção do sentimento de saudade, objeto principal desse trabalho. Para isso, uma contextualização histórica e social também desempenha um papel fundamental nesta investigação. É essencial considerar o contexto em que essas obras foram criadas, examinando como eventos históricos e influências socioculturais podem ter moldado as representações da saudade ao longo do tempo.

Em última instância, esta pesquisa busca refletir sobre a evolução da saudade na cultura brasileira. Como esse sentimento resistiu ao teste do tempo, mantendo sua relevância na alma do povo brasileiro? Como as representações de saudade evoluíram ao longo dos séculos, mantendo sua identidade cultural? A semiótica nos proporciona as ferramentas para investigar essas questões complexas.

Em suma, esta pesquisa se destaca pela sua abordagem interdisciplinar e pela aplicação da semiótica como instrumento de análise. Ao desvelar as representações da saudade na arte iconográfica e na música brasileira, esta investigação lança luz sobre a construção da identidade cultural do Brasil e suas transformações ao longo do tempo. Além disso, contribui para o enriquecimento dos campos da semiótica, da história da arte e da musicologia, oferecendo novas perspectivas sobre a relação entre as formas de expressão visual e sonora na cultura brasileira.

Referências

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral*. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.

LEVÍ-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Tradução Antônio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1981.

AUTOR. Tese 2016.

TARASTI, Eero. *Seen und Schein: Explorations in existential semiotics*. New York: De Gruyter Mouton, 2015.

Comunicações - Sessão 2 – 14/11 - 16:00h - Canal YouTube

Musicologia e processos criativos: discussão do período de Richard Wagner em Paris (1839-1842)

Marcus Mota

A recepção da estadia de quase três anos em Paris oscila entre os motivos do heroísmo do artista faminto e um projeto falhado de vencer na capital da ópera (WAGNER,1963; VAZSONYI,2010). Comum a estes motivos, é o entendimento imediato de uma interrupção do cotidiano com processos criativos dramático-musicais em sua completude, da concepção, roteiro, composição musical e performance e, disso, um hiato criativo, o que qualificaria o tempo em Paris como um fracasso.

Nesta comunicação tal perspectiva, que privilegia o produto sobre o processo, é revista, levando em consideração outra atividade que começa a ser enfatizada por Wagner enquanto ele se encontra afastado dos teatros: a escrita ensaística. Mais que escrever para ter dinheiro para comer e pagar o aluguel, ou se projetar no espaço público em que circulam ideias e mercadorias, foi nos artigos para jornais que Wagner experimentou propostas, gêneros e soluções para seus impasses artísticos e existenciais (POTTINGER,2015, Le HIR 2014). Como um diário íntimo ambivalentemente exposto, tais artigos jornalísticos são ao mesmo tempo processos criativos e esboços de materiais que mais tarde seriam elaborados em sua carreira.

Um dos diferenciais de Wagner, e a partir da experiência de Paris, foi justamente a produção de uma recorrente ensaística de auto-intepretação. Pensar suas obras e pensar sobre si mesmo foram dois aspectos inseparáveis. Uma análise das obras completas de Richard Wagner demonstra esse desdobramento e complementariedade entre o músico-poeta e o escritor (GSD; KÜHNEL,1992; GREY,1995). A partir disso, seria plausível lançar uma provocativa hipótese: todo processo de autoconsciência e reflexão é também processo criativo.

Referências

ALLEN, Robert & SKELTON, Geoffrey (orgs.) *Wagner writes from Paris: stories, essays, and articles by the young composer*. Nova York : J. Day Co., 1973.

VAZSONYI, Nicholas. *Richard Wagner. Self-Promotion and the Making of a Brand*. Nova York: Cambridge University Press, 2010

COLEMAN, Jeremy. *Wagner in Paris. Translation, Identity, Modernity*. Woodbridge: The Boydell Press, 2019.

Le HIR, Sabine. Wagner et Paris (1830-1839): une étape de apprentissage. *Revue de Musicologie*, 100. 2, p. 357-377, 2014.

GREY, Thomas. *Wagner's Musical Prose. Texts and Contexts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KÜHNEL, Jürgen. The Prose Writings. In: *Wagner Handbook*. Ed. by Ulrich MÜLLER/Peter WAPNEWSKI. Cambridge, Mass./London, p. 565-651,1992.

POTTINGER, Mark. Wagner in Exile: Paris, Halévy and the Queen. *Nineteenth-Century Music Review*, 12.2, p. 253-284, 2015.

WAGNER, Richard. *Mein Leben*. Munique: List, 1963.

WAGNER, Richard. *Wagner, Richard. Gesammelte Schriften und Dichtungen*. 10 vols. Leipzig: Fritzsche, 1871–1883. Doravante GSD.

Comunicações - Sessão 2 – 14/11 - 16:00h - Canal YouTube

Breve relato das atividades do maestro José Moreira Lopes em Campinas/SP

Claudia Felipe da Silva

A Corporação Musical Brasileira de Campinas, provavelmente foi fundada em 1916 e esteve vinculada geograficamente à Vila Industrial de Campinas e o maestro José Moreira Lopes é citado em inúmeros momentos como sendo seu dirigente musical, nas décadas de 1910 e 1920. Nesse sentido, a proposta desse estudo é apresentar um recorte da pesquisa de mestrado em andamento que está inserida no Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Estadual de Campinas. Seu objetivo é reconstruir o histórico da Corporação Musical Brasileira de Campinas, de seus integrantes e sua relação com a comunidade local. Apesar dos resultados parciais é possível destacar a atuação de alguns integrantes da instituição. Para tal, pretendo elencar os dados levantados sobre a trajetória do maestro José Moreira Lopes, especialmente as informações veiculadas em: jornais na primeira metade do século XX; documentos públicos; obras de memorialistas e trabalhos acadêmicos.

Alguns memorialistas mencionaram dados sobre o músico como a feita por José de Castro Mendes, em seu artigo, História de Campinas, publicado no Correio Popular em 13 de fevereiro de 1969:

“José Moreira Lopes, perfeito conhecedor da arte musical, e elemento dos mais valorosos e destacados nos meios artísticos desta cidade, desenvolveu grande atividade como professor, regendo orquestras e bandas. Escreveu inúmeras composições para conjuntos de corda e metal, e peças para dança que alcançaram sucesso e popularidade pelo delicado sentimento de sua inspiração. Faleceu a 2 de julho de 1927” (Correio Popular, 13/02/1969).

Geraldo Sesso em sua obra Retratos da Velha Campinas (1970, p. 165) elenca uma série de nomes de músicos e bandas de música, no capítulo

intitulado as Bandas de Cá, citando nomes a partir de Manoel José Gomes e no texto tem-se que “Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a Banda Carlos Gomes, em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil”.

Candido (2007, p.143) relata que em novembro de 1896, tem-se a fundação da Sociedade Musical dos Empregados da Companhia Paulista, com direção de José Moreira Lopes. A autora numera outras atuações do maestro como a direção da Banda da Sociedade Musical Reboucense - Bairro Rebouças (p.194), além de ser professor e regente de orquestras em espetáculos cinematográficos. Segundo a pesquisa de Sartori (2013, p. 87), Moreira Lopes teve uma curta passagem, em 1901, como condutor da Banda Ítalo-Brasileira, atribuindo a essa performance, um caráter esporádico por necessidade ou convite.

No *Almanach da Comarca de Amparo* (1907, p. 380), são registradas as bandas da cidade de Campinas, dentre elas a Orchestra Campineira com a direção de José Moreira Lopes. Tem-se também um primeiro levantamento das composições da lavra do referido músico. Foram encontrados 27 títulos, em sua maioria valsas, sendo que uma delas, denominada Valsa do Combate, foi dedicada a um comércio, o Rei do Calçado, localizado na rua Barão de Jaguará, nº 01, em Campinas.

Moreira Lopes, como já citado, também foi professor, lecionando piano, violino e flauta, conforme anúncio veiculado no Jornal O Combate, em 1920, as aulas eram ministradas a preço módico na Rua Duque de Caxias, 42, em Campinas. Outros dados encontrados na imprensa escrita na década de 1920, permitem traçar uma versão das atividades musicais de Moreira Lopes e assim compreender sua importância na condução de uma banda de música vinculada a um bairro operário campineiro. Como derradeiro comentário, tem-se a promulgação da Lei número 687, de 10 de janeiro de 1952, em que foi decretada o nome da rua Maestro Moreira Lopes, no bairro da Vila Nova em Campinas/SP, 25 anos após o seu falecimento.

Referências

Almanach da Comarca do Amparo [Periódico] Organizado e publicado por: Jorge Pires de Godoy Typografia de: A.B. de Castro Mendes & C. Campinas, SP: Typ. Livro Azul, 1907

CANDIDO, Mariana de Oliveira. Vida Musical em Campinas na Passagem dos Séculos: rupturas, permanências e novos caminhos (1889-1922). Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MENDES, José de Castro. *Efemérides campineiras: 1739-1960*. Campinas, SP: Palmeiras, 1963.

SARTORI, Vilmar. Banda Ítalo-Brasileira/Carlos Gomes: história e memória de uma corporação musical centenária na cidade de Campinas. Dissertação (Mestrado Musicas) – Universidade Estadual de Campinas, 2013.

SESSO, Geraldo. *Retratos da velha Campinas*. Campinas, SP: Palmeiras, 1970.

Jornais:

Correio Popular (Campinas/SP)

Correio Paulistano (SP)

O Combate: Independência, Verdade, Justiça (SP)

Comunicações - Sessão 3 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

Reunião de acervos brasileiros de instrumentos musicais no Museu Virtual de Instrumentos Musicais MVIM

Adriana Olinto Ballesté,
Ana Cristina Valentino,
Daniel dos Santos

O Museu Virtual de Instrumentos Musicais – MVIM[1] foi concebido como um espaço dinâmico em permanente expansão, dedicado à preservação, memória, divulgação e recuperação de acervos de instrumentos musicais. Teve como primeiro passo, no ano de 2011, o desenvolvimento do projeto para organização, restauração, catalogação e fotografia do acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho (MIDC) da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro[2] e a criação de um website para abrigar o museu virtual.

Na continuação de sua caminhada, foi implementada no MVIM, em 2019, uma proposta focada na agregação de acervos de instrumentos musicais de instituições com as quais firmou parceria, incorporando à sua coleção os acervos do Instituto Moreira Salles[3] e do Museu Villa-Lobos[4]. Além disso, a diversificação dos seus conteúdos tornou seu espaço virtual mais dinâmico, incluindo seções como: catálogo de instrumentos; catálogo de fabricantes/ autores; concertos; vídeos e entrevistas com especialistas; artigos escritos por colaboradores; um espaço para notícias, curiosidades e opiniões; normas de catalogação; links para outros sites de interesse; referências bibliográficas.

É importante ressaltar que uma das principais referências para a criação do projeto do MVIM foi o Musical Instrument Museums Online - MIMO, um consórcio de alguns dos mais importantes museus de instrumentos musicais da Europa, que se uniram criando um projeto financiado pela Comissão Europeia que visava criar um ponto único de acesso online às suas coleções. O projeto MIMO começou em 2009 e em 2011 alcançou seus

objetivos, criando no processo a maior base de dados de acesso gratuito do mundo para informações sobre instrumentos musicais mantidos em coleções públicas.[5]

Além disso, os parceiros do MIMO trabalharam em conteúdos multilíngues para permitir a busca em seis idiomas diferentes (não incluindo a língua portuguesa), associando vocabulário não especializado a termos e sistemas de classificação utilizados por profissionais. Desenvolveram, também, documentação com padrões para fotografar instrumentos musicais; revisões nos padrões de classificação; definições de metadados; diretrizes sobre como criar um repositório para permitir a interoperabilidade do conteúdo digital.

É importante notar que as coleções que estão disponíveis no MIMO estão também disponíveis na ‘Europeana’, importante plataforma que fornece acesso digital a milhões de itens do patrimônio cultural de instituições de toda a Europa. Os metadados são coletados diretamente nos repositórios dos museus, permitindo que qualquer um possa aderir a plataforma e, dessa maneira, disponibilizar a documentação do seu acervo.

Apesar da inspiração fundamental do MIMO na criação do MVIM, que tem como objetivo crucial a reunião de acervos brasileiros de instrumentos musicais, é importante frisar uma diferença fundamental: a atuação do MVIM vai além de agregar metadados de outras instituições em uma base de dados. O projeto atua diretamente nos museus físicos: na organização; no acondicionamento; na restauração; na catalogação; na fotografia dos acervos e ainda, na inclusão e disponibilização dos dados no banco de dados na web.

No intuito de prosseguir com o objetivo de reunir em seu acervo outras coleções organológicas brasileiras, demos início a um levantamento para identificar instituições culturais e museais que possuam instrumentos musicais que possam ser agregados ao MVIM. Porém, esta não é uma tarefa fácil, pois em alguns casos as coleções estão localizadas em pequenas seções de grandes museus ou organizadas em pequenas salas, algumas não estão disponíveis para visita, algumas estão disponíveis na web, outras ainda carecem de uma organização e divulgação.

Durante esse levantamento descobrimos a recém-inaugurada plataforma ‘Brasília Museum’[6] criada pelo IBRAM, em setembro desse ano de 2023, que objetiva conectar e disponibilizar o patrimônio dos museus brasileiros em um repositório acessível ao público, nos moldes da Europeana.

O MVIM, partindo dessa lógica de relacionamento entre o MIMO e a ‘Europeana’, pretende integrar coleções brasileiras de instrumentos musicais, atuando em sintonia com a ‘Brasília Museum’, disponibilizando acervos em ambas as plataformas, com a consciência que, na maioria dos casos, será necessário um trabalho prévio de organização dessas coleções.

Notas:

[1] O MVIM foi criado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

[2] O Museu Delgado de Carvalho foi criado no final do século XIX, no âmbito do Instituto Nacional de Música.

[3] O acervo do Instituto Moreira Salles (criado em 1992) engloba quatro áreas: Fotografia, Música, Literatura e Iconografia.

[4] O Museu Villa-Lobos foi criado em 1960 com a missão de preservar e difundir o legado do compositor Heitor Villa-Lobos.

[5] Disponível em: <<https://mimo-international.com/MIMO/about-mimo.aspx>>. Acesso em: out. 2023.

[6] Disponível em: <<https://brasiliana.museus.gov.br/sobre-a-brasiliana-museus/>>. Acesso em: out. 2023.

Comunicações - Sessão 3 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

Entre Notas e Frequências: o arquivo da Banda de Música da Polícia Militar da Paraíba

Amarilis Rebuá de Mattos

O projeto Preservação de Acervos Musicais tem acontecido de forma continuada visando o Acervo Musical da Banda da Polícia Militar da Paraíba, o mais antigo acervo da Paraíba. Criada em 8 de outubro de 1867, esta Banda de Música possui efetivos com músicos na Capital, Campina Grande, Patos e Cajazeiras. Em 18 de agosto de 2015, tornou-se oficialmente Patrimônio Imaterial do Estado da Paraíba. Somente após a intervenção deste projeto, as ações emergenciais conseguiram eliminar as situações de risco que vinham sofrendo ao longo dos 156 anos, como a exposição às condições climáticas adversas, mal armazenamento e deterioração dos manuscritos autógrafos. Em 2019, foi realizado um diagnóstico no acervo da Banda e iniciando o processo de higienização e reorganização dos documentos musicais. Foram preparadas caixas organizadoras após higienização para armazenamento das partituras. Com o auxílio de um bolsista e de diversos colaboradores voluntários, foi possível realizar a higienização das partituras de todo o acervo, trocar as prateleiras de madeira que estavam com cupim, por prateleiras de zinco, além de confeccionar envelopes/pastas com tamanhos de acordo com os manuscritos para melhor conservá-los.

Após quatro anos, essa documentação musical saiu da situação de risco, podendo iniciar uma nova etapa visando a digitalização, transformando em PDF dos documentos manuscritos musicais. A digitalização foi iniciada pelas partituras mais antigas, com o intuito de preservar estes documentos e disponibilizar seu conteúdo para o público, tanto online quanto presencial. Com o início da digitalização, o acervo vem sofrendo uma constante revisão de acordo com o Livro de Tombo com o intuito de verificar a correta localização das obras e averiguação das que estão faltando. Foram colocadas aletas amarelas nas caixas para indicar os documentos extraviados. Após sete meses de trabalho, foram digitalizadas mais de 3 mil páginas, entre Missas, Harmonias e alguns Dobrados em um total de 124 pastas, sendo que cada uma contém em média entre 30 a 45 páginas.

Com o início dos documentos musicais digitalizados, as de Linhas de pesquisa neste acervo puderam ser definidas: a) Análise e revisão da catalogação dos dois Livros de Tombo de acordo com as normas atualizadas de busca; b) Paleografia musical para a identificação das caligrafias dos compositores e copistas; c) Construir uma curta narrativa biográfica dos compositores, copistas e músicos identificados nos documentos musicais; d) História da Banda através das partituras localizadas, analisando as intervenções caligráficas localizadas; e) Desenvolver uma Plataforma Digital com finalidade de inserir em sua Base de Dados as partituras digitalizadas, as biografias dos compositores, copistas e músicos da banda, além de fotos, vídeos curtos da Banda e informar sobre suas atividades.

Este projeto inovador, busca colocar este acervo histórico no cenário musical da Paraíba e do Brasil, com a difusão de seu conteúdo através dos meios tecnológicos atuais. Também pretende contribuir para os avanços no campo da musicologia histórica, abrindo novas perspectivas no campo da pesquisa musical, promovendo a preservação da memória musical paraibana e suas práticas, pois foram identificados cerca de 240 compositores, desconhecidos do grande público, como: H. Guerreiro, Camilo Ribeiro, José Neves, Cabrinha, João Eduardo Pereira, José Aprígio de Lima, Aduino Camilo, Joaquim Pereira, entre outros. Do ponto de vista técnico-científico, este estudo abre um leque para pesquisas posteriores, podendo envolver alunos de graduação e/ou pós-graduação em música, educação musical, arquivologia, biblioteconomia e tecnologia da informação.

Referências

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

COTTA, André Guerra; BLANCO, Pablo Sotuyo (Org.). Arquivologia e patrimônio musical. Salvador: EDUFA, 2006.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

LOPES, L. C. A nova arquivística na modernização administrativa. 2. ed. Brasília: Projecto, 2009.

Comunicações - Sessão 3 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

Aerofones pré-históricos no Brasil: o caso das flautas e apitos no MAX/UFS

Giusepe Augusto Araujo

Esta pesquisa visou esclarecer musicológica e arqueologicamente diversas questões relativas aos artefatos pré-históricos denominados como flautas ou apitos localizados no Brasil. Uma vez que não foram realizadas anteriormente pesquisas detalhadas sobre este tema em nenhuma das duas áreas no Brasil, seja pelo desconhecimento das ferramentas musicológicas, seja pela falta de crítica na análise arqueológica, foi necessário revisar em profundidade a escassa literatura nacional disponível. A revisão de literatura incluiu autores que passaram por experiências similares por causa de artefatos semelhantes, nos permitindo seguir sugestões para realizar medições, possíveis reconstruções acústicas, discutir nomenclaturas nas quais, em diversos momentos nos guiaram a um maior esclarecimento dos dados que obtivemos na pesquisa de campo para, finalmente, atestar ou descartar a denominação, caso a caso, naqueles artefatos tidos como aerofones no Museu Arqueológico do Xingó.

Comunicações-Sessão 3–15/11-16:00h-CanalYouTube

Banda de Pífanos Esquenta “Muié” de Marechal Deodoro, Alagoas: resgate, transcrição e análise do repertório

Kleber Dessoles Marques,
Nilton da Silva Souza

Este artigo descreve uma pesquisa em andamento sobre a Banda de Pífanos Esquenta Muié de Marechal Deodoro, Alagoas, focando na produção musical de seu fundador, Mestre Zé Cícero. A pesquisa envolveu análises de transcrições do CD “Sonho de Criança” (2003), destacando a relevância cultural e musical da banda. A metodologia incluiu pesquisa de campo, documental, bibliográfica e entrevistas. A pesquisa também contribuiu para preservar e divulgar o acervo musical, abrindo portas para futuras investigações sobre a música e cultura de Mestre Zé Cícero.

Comunicações - Sessão 4 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

História institucional da música erudita no Espírito Santo: análise crítica da bibliografia

Wesley Nascimento Higino Paula

O período recente da pesquisa musicológica histórica no Brasil tem sido caracterizado pela ampliação de seus objetos de pesquisa, abrangendo estudos que, do ponto de vista geográfico, se estendem desde assuntos “nacionais” aos “regionais” e “locais”. Essas categorias procuram dimensionar o campo de irradiação de determinadas práticas, ações, pensamentos e debates, buscando, ao mesmo tempo, dar conta das especificidades que determinados problemas de pesquisa apresentam, bem como das generalidades que objetos circunscritos possuem, devido ao diálogo com problemáticas mais amplas. Essa situação reflete os fluxos simbólicos que permeiam as práticas culturais nas sociedades contemporâneas, impossibilitando qualquer rigidez categórica que poderia esvaziar os sentidos das ações dos sujeitos no meio social e seus reflexos na cultura e na história.

Sendo assim, esta proposta de comunicação se insere no campo da musicologia local, tendo como objeto de investigação as narrativas históricas sobre a história institucional da música erudita no Espírito Santo. Objetivamos apresentar uma reflexão preliminar sobre seus processos de institucionalização, destacando as ações dos agentes históricos envolvidos, as continuidades e discontinuidades dos projetos políticos, educacionais e culturais implementados, e seus desdobramentos na formação profissional de músicos e musicistas, e na oferta de serviços culturais pelo Estado.

Pensar a história da música no Espírito Santo, de maneira geral, é um exercício complexo. Primeiro, não se pode falar de uma história consolidada, no sentido de haver alguma publicação que busque realizar uma discussão aprofundada sobre a bibliografia existente, possibilitando uma compreensão mais ampla sobre as atividades musicais realizadas. Segundo, as publicações

existentes tratam de temas diversos, e existem poucas publicações sobre um mesmo tema. Terceiro, parte expressiva dessas publicações não foram realizadas dentro de contextos institucionais de pesquisa acadêmica na área de música, sendo realizadas em áreas, como jornalismo e história, gerando um conhecimento histórico musical que, em certos momentos, tende a perder de vista aspectos importantes do fazer musical. Dado esse quadro, esta pesquisa busca realizar uma análise da bibliografia sobre a história institucional da música no Espírito Santo para iniciar um processo de compreensão de como essa história foi escrita, quais são suas fontes, quais discursos foram formados, e como foram realizadas as explicações sobre os processos históricos estudados.

Para realizarmos essa tarefa, empreendemos um recorte bibliográfico com as seguintes publicações: Escola de música do Espírito Santo: 50 anos de história, de Regina Célia Nava Martins (2006); Notas sobre a Fames: a história da primeira instituição de ensino musical do Espírito Santo, de Catarina Mattedi Carneiro e Daniela Ramos Ribeiro (2010); Da capo: de volta às origens da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, de Juca Magalhães (2014); e Entre lares, lyceus e liturgias: professores de música nas escolas do Espírito Santo, vestígios de histórias não contadas (1843-1930), de Ademir Adeodato (2016).

Ao realizar a leitura do títulos é possível observar que a história institucional da música capixaba enfatiza as instituições de ensino musical, sendo o trabalho de Magalhães (2014) uma exceção, já que trata da história da formação da orquestra estadual. Contudo, é importante destacar que a fundação da atual Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES) só foi possível através das atividades de prática musical coletiva da Escola de música do Espírito Santo, como é apontado por Magalhães (2014) e Martins (2006). Dessa forma, pretendemos apresentar de que maneira as instituições de ensino musical atuaram para o desenvolvimento profissional da música capixaba, do acesso à formação musical, e a oferta de bens culturais para a sociedade.

Referências

ADEODATO, ADEMIR. Entre lares, lyceus e liturgias: professores de música nas escolas do Espírito Santo, vestígios de histórias não contadas (1843-1930). 2016. 258 p.. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CARNEIRO, Catarina M.; RIBEIRO, Daniela R. *Notas sobre a Fames: a história da primeira instituição de ensino de música do Espírito Santo*. Vitória: DIO, 2010.

MAGALHÃES, Juca. *Da capo: de volta às origens da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo*. 2. ed. Vitória: Editae Studio, 2011.

MARTINS, Regina Célia Nava. Escola de Música do Espírito Santo: 50 anos de história. 2006. 26f. Monografia (Pós-Graduação em Docência para o Ensino Superior) - Faculdade Batista de Vitória- FABAVI, Vitória, 2006.

Comunicações - Sessão 4 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

Epistemologias da complexidade: uma caixa de ferramentas para a história da música e para a musicologia?

Maya Suemi Lemos

Dinâmicas de trânsito, interdependência e interconectividade parecem receber nos últimos anos uma marcada atenção nas pesquisas em história da arte, da música e nas musicologias, como elementos fulcrais para a inteligência dos fenômenos artísticos. Situiremos esse direcionamento, inicialmente, no ecossistema mais amplo da pesquisa e do pensamento contemporâneo, nas ciências humanas e além delas, buscando mostrar sua filiação ou aderência ao pensamento complexo. Desenvolvido ao longo do século XX, o pensamento complexo parece ter voltado à ordem do dia. Buscaremos, por fim, interrogar as ferramentas conceituais e metodológicas das teorias da complexidade como dispositivos intelectuais que possam inspirar nossas formas de olhar e compreender os fenômenos musicais.

Por uma Musicologia Cultural

Carlos Ernest Dias

No período de 2013 a 2017 realizei meu doutoramento pelo PPG-MUS da UFMG, quando empreendi uma pesquisa sobre o modernismo musical brasileiro. Uma das principais interrogações que possuía na época era entender como havia se formado o nosso “paradoxal” modernismo-folclorista. Logo ficou claro para mim de que utilizando apenas as ferramentas musicológicas não seria possível alcançar essa compreensão, pois para entender o modernismo e o folclorismo era preciso enveredar por outros campos do conhecimento, investigando o tecido histórico e sociocultural em que se realizam as práticas musicais. Dessa forma, procurando escapar do viés interalista com que normalmente a Musicologia analisa o objeto musical, desenvolvi análises interdisciplinares sobre as práticas musicais brasileiras no século XX, aproximando a Musicologia dos campos da História, da Literatura, das Ciências Sociais e dos Estudos Culturais.

Percorrendo essas trilhas, a pesquisa verificou a existência de uma vasta produção de artigos, dissertações, teses e livros de diferentes autores e autoras que antes de mim já anunciavam a necessidade que se coloca para a Musicologia de se aproximar dos debates empreendidos pelas ciências sociais sobre a realidade brasileira. E outras que apontam também a necessidade de serem revistos ou atualizados os procedimentos metodológicos sobre aquilo que se conhece e se conta como “História da Música”.¹ E aqueles que nos relembram de músicos importantes silenciados pela história oficial.² Marcada por valores positivistas e distante dos debates socioculturais e sociopolíticos inerentes à vida humana numa sociedade moderna, a tradicional “História da Música”, baseada em “vultos históricos”, “pontos nodais” gênios, mitos e instrumentistas virtuosos dificilmente se sustentará num mundo cada vez mais tecnológico e globalizado e ao mesmo tempo interétnico e intercultural.

Constituindo-se numa das forças conservadoras mais fortes e penetrantes da sociedade brasileira, os ideais positivistas, não promovendo a reflexão sobre os próprios conceitos e práticas, permeiam grande parte do ambiente do ensino oficial de música no país. A formação de instrumentistas por esse viés “prático” e pouco reflexivo dificulta a aproximação da musicologia aos outros campos, fato confirmado por Diósnio Machado Neto:

A música foi incorporada na universidade, como clamava Mário de Andrade, porém a força da mentalidade do ensino prático acabou, como uma ironia ao mentor que a idealizou, adaptando a própria musicologia às suas necessidades, distanciando-a das questões conceituais que se desenvolvem diuturnamente nas outras áreas das ciências humanas.³

Consideramos de grande importância que a Musicologia se aproxime da História Cultural, a qual já foi entendida como “história total”, “história das ideias”, “história das mentalidades” e como “Nova História”. Na mesma direção, defendemos a adoção de uma vertente que poderíamos chamar de Musicologia Cultural. Esta tendência colocaria a Musicologia mais em contato não apenas com os estudos sobre a Cultura, mas também com as ciências humanas, abrindo uma importante vertente interdisciplinar de análises sobre as práticas musicais brasileiras, sejam as populares ou as de concerto. A partir de meados da década de 1980, a musicologia internacional, impulsionada por Joseph Kerman, se preocupou em desenvolver um viés mais crítico da disciplina, alinhando-se ao escopo da crítica literária. Teríamos, então, analogamente ao que se passou na História, e para além do que o musicólogo inglês chamou de “musicologia crítica”, o advento de uma “nova musicologia” ou, para usar o termo em inglês, *new musicology*. Para Maria Alice Volpe, não há uma fronteira rígida entre o que seria musicologia cultural ou nova musicologia:

Pode-se dizer que o que diferencia a “nova Musicologia” da “musicologia cultural” é que a primeira tem uma postura polêmica questionadora, e se apega muito à crítica ideológica e à desconstrução do discurso historiográfico, enquanto a segunda tem uma preocupação pelo cultural, pelo contexto como elemento fundamental para a compreensão da música, o que muitas vezes resulta numa crítica revisionista, sem necessariamente abandonar os métodos tradicionais da musicologia.⁴

Do ponto de vista do desenvolvimento de uma musicologia brasileira, penso ser válido conhecer a história da musicologia em nosso próprio país numa perspectiva crítica, histórica e cultural. É o que indica a historiadora Carla Bromberg, para quem os estudos históricos são altamente necessários à formação de um músico ou de um musicólogo:

Os estudos históricos, em teoria deveriam pertencer ao quadro curricular da musicologia, que basicamente existe no Brasil nos cursos de pós-graduação. Contudo, a estrutura curricular, longe de dirigir-se às discussões metodológicas e epistemológicas da musicologia e de sua história permanece atada à estrutura da área a qual ela pertence, a Música, que visa à formação do músico prático, regente ou compositor. Primeiro esquivando-se de disciplinas, e até da história da musicologia, formando gerações, que no mínimo desconhecem a origem da ciência na qual se especializam.⁵

Nesse sentido, faz-se necessário que nossos estudantes conheçam e desenvolvam um viés crítico não apenas sobre a produção de musicólogos “históricos” como Luiz Heitor, Mário de Andrade e Renato Almeida, mas também dos acadêmicos acima citados, e dos não acadêmicos Almirante, Marisa Lira, José Ramos Tinhorão e Sérgio Cabral. E logicamente os interdisciplinares Heloísa Starling, Arnaldo Contier, José Miguel Wisnik, Marcos Napolitano, José Geraldo Vinci de Moraes, Cacá Machado, Avelino Romero Pereira, Antônio José Augusto e Vanda Freire, entre diversos outros e outras, que não sendo músicos ou musicólogos de ofício, contribuem imensamente para a nossa área. Só conhecendo nossa própria experiência, nossa própria cultura e refletindo sobre nosso ser-estar no mundo poderemos amadurecer intelectualmente e avançar no sentido de construir uma historiografia que nos permita compreender e registrar as múltiplas, diversas, interétnicas, interculturais e intergeracionais práticas musicais brasileiras.

O texto defende a ideia de uma “Musicologia Cultural”, a qual, aproximando-se da História Cultural, possa dar conta das características interdisciplinares, interétnicas e interculturais das práticas musicais brasileiras.

Notas:

¹ FREIRE, Vanda Lima Bellard. A História da Música em Questão: Uma Reflexão Metodológica. In: *Revista Música*, São Paulo, v. 5, n. 2: 152-170, nov. 1994.

² AUGUSTO, Antônio J. Da pérola mais luminosa à poeira do esquecimento: a trajetória de Henrique Alves de Mesquita, músico do Império de Santa Cruz. In: LOPES, Antonio Herculano (Org.). *Música e História no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, p. 421-450.

³ MACHADO NETO, Diósnio. Unita Multiplex: por uma musicologia integrada. In: *Anais... VII Seminário de Pesquisa em Música da Universidade Federal de Goiás*, 2007.

⁴ VOLPE, Maria Alice. Por uma nova musicologia. In: *Música em Contexto*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. Ano 1, n. 1, set. 2007.

⁵ BROMBERG, Carla. Histórias da Música no Brasil e Musicologia: Uma Leitura Preliminar. In: *Música e Artes*. Projeto História n. 43, pp. 416-444, dez. 2011.

Comunicações - Sessão 4 – 15/11 - 16:00h - Canal YouTube

“É nesta Lisboa, figura de proa da nossa canção”: visões das Fado Bicha através das televisões

Caio Felipe Mourão

Baseada na afirmação de Jody Berland, de que é impossível obter notoriedade com uma canção sem um videoclipe (Berland 1993, 26), esta comunicação tem como objetivo principal refletir sobre as imagens trazidas em quatro clipes do grupo português de Fado LGBT+ Fado Bicha (FB): O Namorico do André, Crónica do Maxo Discreto, Estourada e Lila Fadista – sendo que esta última letra serviu de mote para o título em epígrafe. Comparo estas paisagens com as de clipes e filmes de fado tradicional. As questões que me motivaram foram: Quais as principais referências estilísticas do grupo? Estando o fado vinculado a bairros tradicionais de Lisboa e ao mar, a que locais estaria associado o Fado LGBT+? Quais as paisagens ilustradas nos videoclipes e descritas nos textos destas canções? Inspirado na metodologia proposta por Carol Vernalis (2004), decupo todos os vídeos, plano a plano, e todas as canções, compasso a compasso, para analisar as imagens e os sons de maneira detalhada. Reflito sobre eles, utilizando como fonte de dados as várias entrevistas pessoais com as FB, os realizadores e os produtores do grupo; bem como uma vasta bibliografia e um amplo material disponível na internet relacionados a gêneros – musicais e identitários –, sexualidades, artivismos e cultura portuguesa. Concluo, apresentando paisagens frequentes dos videoclipes das FB, como a zona do Príncipe Real lisboeta, especialmente o Finalmente Club, o cruising, alguns locais públicos desertos, quartos privativos e consultórios médicos. O sexo, algumas vezes explícito, e a paródia (Butler 2018) são os elos destas imagens, onde há sempre a intenção de chocar o público através do exagero. Relativamente às influências estilísticas das FB, tanto visuais quanto musicais, observei a presença do camp (Sontag 2018), da pop art (Shanes 2009) e da pornografia (Hunt 1999). Esta proposta se enquadra no tópico 8 do 4º Congresso da ABMUS, qual seja, a musicologia no espaço das discussões identitárias: étnico-raciais, conflitos sociais e de gênero.

Referências

Berland, Jody. 1993. "Sound, Image and Social Space: Music Video and Media Reconstruction. In Simon Frith, Andrew Goodwin, and Lawrence Grossberg, eds., *Sound and Vision: The Music Video Reader* (New York:Routledge, 1993), 20-36.

Butler, Judith. 2018 [1990]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* [recurso eletrônico] : Judith Butler; tradução Renato Aguiar - 1 ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Hunt, Lynn. 1999 [1993]. *A invenção da pornografia. Obsenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. Lynn Hunt/ Tradução: Carlos Szlak. Hedra, São Paulo.

Shanes, Eric. 2009. *Pop Art*. Parkstone Press International, New York.

Sontag, Susan. 2018 [1964]. *Notes On Camp* [recurso eletrônico] : Penguin Classics.

Vernalis, Carol. 2004. *Experiencing Music Videos. Aesthetics and Cultural Context*. Columbia University Press. N.Y

Comunicações - Sessão 5 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

Maestro João Eduardo Pereira: uma vida dedicada à música

Amarilis Rebuá de Mattos

Desde 2019, o projeto Preservação de Acervos Musicais vem sendo desenvolvido de forma continuada, visando dois acervos musicais: o Acervo Musical da Banda da Polícia Militar da Paraíba e o Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira (CDPMJS). Após quatro anos de existência, as Linhas de Pesquisa que envolvem este projeto começaram a ser desenvolvidas. Nesta comunicação, retendo apresentar duas delas: a construção de uma curta narrativa biográfica de um compositor, identificado nos documentos musicais juntamente com a paleografia musical para a identificação de sua caligrafia.

Vários fatores fizeram com que a escolha do compositor a ser estudado, como ponto de partida inicial desta pesquisa histórica musical, fosse o maestro João Eduardo Pereira (1896-1967). Muitas partituras de sua autoria foram localizadas no acervo musical da Banda da Polícia Militar e no CDPMJS. Ele teve muita influência na sociedade musical paraibana. Foi Mestre de Música de banda, pertenceu à Sociedade Cultura Musical da Paraíba e sócio fundador da Orquestra Sinfônica da Paraíba, integrando seu quadro de instrumentistas como violinista. Foi professor de violino, teoria e solfejo do Conservatório Paraibano de Música, diretor artístico da Sociedade Musical do Comércio de João Pessoa e agraciado com o título de Sócio Benemérito da Orquestra Sinfônica da Paraíba. Ainda hoje existe o coral que leva seu nome, formado pelas suas filhas e amigos, que buscam preservar suas obras para coro. Compôs muitas obras para banda, piano, canto e piano e fez arranjos para coro a quatro e três vozes. Duas de suas valsas mais conhecidas foram

imortalizadas: a valsa Ausência, que foi inserida na Novena de Nossa Senhora do Carmo de João Pessoa, atribuída ao Pe. Zé Coutinho, para ser executada no momento da comunhão e a valsa Paisagem de um sonho, gravada em vídeo por suas filhas e permanece no YouTube para quem quiser ouvir .

João Eduardo Pereira começou na vida musical desde sua infância, tocando pífano. Sua primeira composição data de 1916 quando tinha apenas 20 anos de idade. Nessa época, a música já estava inserida em sua vida. Desde então passou a atuar alternando como músico instrumentista (violino, requinta, clarinete), maestro de banda e compositor. Durante 50 anos, permaneceu fiel à sua vocação, compondo pelo menos uma obra por ano, de 1916 até 1966, ano de sua última composição. Como professor e regente da Banda da PMPB, teve dois de seus discípulos conhecidos em todo o Brasil. O compositor Joaquim Pereira e o maestro e arranjador Severino Araújo. Eles estudaram composição com o maestro João Eduardo à medida que se tornaram copistas da banda na década de 1920.

Quando entrou para o Exército, em 1929, passou a integrar o quadro de músicos da banda do 22º Batalhão de Caçadores em João Pessoa. Nesse mesmo ano foi transferido para a Banda de Música da Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro (RJ). Durante esse período frequentou o curso de música do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da UFRJ, concluindo em 1932 com grau dez, conferido pelo diretor do instituto, Guilherme Fontainha. Após essa data, João Eduardo fez algumas modificações em sua caligrafia musical. Como ele não tinha o hábito de assinar suas obras, foi necessário fazer um estudo paleográfico de sua caligrafia musical para poder definir se os documentos autógrafos localizados eram realmente obras suas.

As obras de do compositor Maestro João Eduardo Pereira estão divididas em três acervos na cidade de João Pessoa. Grande parte de suas obras para banda de música estão localizadas no acervo musical da Banda da Polícia Militar da Paraíba (BPMPB). Uma pequena parte das obras para piano, canto e piano ou algumas partes de obras para banda de música ou algumas partes guia, estão localizadas no Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira (CDPMJS). O restante das obras faz parte do acervo da família, para este trabalho denominado de Acervo Maestro João Eduardo Pereira (AMJEP) e encontram-se sob custódia de uma das filhas do maestro, Marise Eduardo Pereira Amorim. As obras não localizadas, podem estar no acervo da Banda de Música do Exército, na qual o Maestro João Eduardo atuou como dirigente.

Data	Forma Musical	Instrumentação	Musical	Localização
	Valsa			
1916	Romper da Aurora / Delírio da Noite	Pf	AMJEP	
1917	Helena (1943) / Serenata das Rosas	Pf	AMJEP	
1919	Pensando em Ti	Pf	CDPMJS	
	Agar Vianna	Pf; Banda (1921)	BPMPB; CDPMJS	
1920	Capricho / Maria de Lourdes - Não localizada			
1921	Maria do Céu	Pf	AMJEP	
1923	Mocinha	Pf	AMJEP	
1928	Sonho de Amor	Pf	CDPMJS	
	O Regato	Pf	AMJEP	
1930	Existência Fugaz	Cto e Pf, Banda	CDPMJS, BPMPB	
1934	Alzira	Pf	AMJEP	

Um dos objetivos de escrever esta curta biografia da vida pessoal e musical do Maestro João Eduardo Pereira, foi conferir a existência e a localização das obras citadas como de sua autoria, que foram advindas de diversas fontes. Faz parte do projeto também a digitalização de todas essas obras que serão posteriormente disponibilizadas em um banco de dados para facilitar pesquisas posteriores.

Referências

- GONDRA, M. E.; GRÁVALOS, G. R. Análise forense de documentos: Instrumentos de escrita manual e suas tintas. Campinas SP: Millenium Editora, 2012
- MATTOS, A. R. A Novena de Nossa Senhora do Carmo de João Pessoa: a obra, autoria e recepção. Tese Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Escola de Música. Programa de Pós-Graduação em música. Salvador, 2016.
- MELO, M.L.E. Paisagens de um sonho. Colaboração: João Eduardo Pereira Filho. João Pessoa: Ed. Moura Ramos, 2011.
- RIBEIRO, D.A. João Eduardo: centenário de nascimento 1896-1996. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1996.

Comunicações - Sessão 5 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

O Conservatório Musical de Santos: uma instituição cultural em trânsito

Raphael Fernandes Lopes Farias

A partir da afirmação acima da pianista brasileira Antonieta Rudge, este trabalho apresenta a pesquisa em andamento sobre o Conservatório Musical de Santos (CMS), no sentido da reconstrução de sua história e da promoção de cultura artística regional. Fundada em 1927, a instituição teve grande impacto na cultura e na educação da cidade de Santos-SP, captando em seu corpo docente e suas atividades o que havia de mais destacado no cenário cultural e artístico no Brasil, sobretudo paulista, durante o auge de seu funcionamento, nas décadas de 1930 a 1970. Nesse período, foi administrado e dirigido pelo maestro italiano Ítalo Tabarin e pela proeminente pianista brasileira Antonieta Rudge, e esteve no cerne do desenvolvimento da cultura artística no Brasil, que mesclava a tradição europeia com a propagação do modernismo brasileiro. As informações iniciais da presente investigação foram obtidas em jornais antigos digitalizados e documentos – incluindo entrevistas em áudio - de acervos particulares que já estão em poder do autor.

O CMS é concebido no bojo da modernização da cidade, impulsionada pelos rendimentos da cafeeicultura e da consolidação do porto de Santos como principal acesso para a economia do país (LANA, 1996) e das reformas educacionais que vinham sendo implementadas ao longo dos anos 1920. Naquele período, a cidade desponta como uma das 10 mais populosas do país, posição perdida ao longo dos anos 1960 e 1970. Na artes, mais especificamente na música, as mudanças foram encabeçadas pelo movimento modernista em nomes como Mário de Andrade e Villa-Lobos (FONTERRADA, 2008).

O Movimento Modernista Brasileiro, fortemente fincado em São Paulo, tinha manteve fortes relações com o conservatório santista, o que se constata pelas visitas de Villa-Lobos, Mário de Andrade e Menotti del Picchia ao CSM ; vinha no lastro de uma cultura artística que, embora repousasse na

produção europeia, fazia esforços para conceber uma cultura nacional. Observa-se que a instituição mobilizou agentes do cenário artístico e cultural na região de Santos, desde a fase já consolidada da primeira geração modernista, no final dos anos 1920 até a o auge dos tensionamentos entre nacionalistas e vanguardistas nos anos 1960-70 do século passado (EGG, 2004). Além disso, o CMS apresentava um repertório que tentava conciliar o tradicional com o modernismo e o nacionalismo, tendência já apontada por Fucci Amatto (2006) em sua pesquisa sobre o Conservatório de São Carlos.

Apresentam-se também outras problemáticas indispensáveis para a compreensão do quanto o CMS pode retratar no âmbito das dinâmicas sociais, a exemplo da hegemonia italiana no cenário da música de concerto nacional a partir da imigração (CENNI, 2003) e das questões de gênero representadas pelo alunado majoritariamente feminino, sobretudo dedicado ao piano Fucci Amatto (2004, 2006). Nesse sentido, aplicam-se as noções de trânsito, de LaCapra (2006) e da musicologia local, de Musri (2013), que apelam para a necessidade de histórias fora dos lugares e das personagens hegemônicas, valorizando a experiência local, a mobilização de agentes, as relações entre instituições – no caso, culturais e artísticas – com as comunidades locais e suas articulações com o oficialismo nacional; além da necessidade da criação de acervos musicais nos territórios interioranos.

Referências

CENNI, Franco. Italianos no Brasil: Andiamo in Mérica. São Paulo, Edusp, 2003

EKG, André. O debate no campo do nacionalismo musical no Brasil nos anos 1940 e 1950: o compositor Guerra-Peixe. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

FONTEERRADA, Marisa T. de O. De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2008.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Memória musical de São Carlos: retratos de um conservatório. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

_____. Um estudo sobre a rede de configurações sócio-culturais do corpo docente e discente de um conservatório musical. *Ictus*, Salvador, vol. 06, dez. de 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34244/19739>>. Acesso em 15 de ago. de 2023.

LACAPRA, Dominick. História en tránsito. Experiencia, identidad, teoría crítica. Teresa Arijón (trad.). Buenos Aires: FCE, 2006.

LANA, Ana Lúcia D. Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913. São Paulo, Hucitec; Prefeitura Municipal de Santos, 1996

MUSRI, Fátima Graciela. Definiciones y ayudas metodológicas para una historia local de la música. *Revista del ISM*, 1(14), 51–72, 2013. Disponível em: . Acesso em 15 de out. de 2023.

Comunicações - Sessão 5 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

Duas cartas de Guarnieri

Arysselmo Lima,
Marcos da Cunha Lopes Virmond

Dono de uma técnica esmerada, decorrente de uma rigorosa rotina de estudo ao longo de décadas, Camargo Guarnieri encabeça na história da música brasileira a terceira geração nacionalista. Contando com sua técnica abalizada nos moldes da estética marioandradiana exala em forma de música o Brasil de Mário de Andrade. Ao longo de sua vida Camargo Guarnieri sempre se mostrou bastante reservado quanto a vários aspectos, sejam eles políticos, religiosos ou mesmos estético-musicais. Porém em 1941, após a leitura da Música de Câmara para canto, viola, corne inglês, clarineta baixo e tambor-militar de Hans-Joachim Koellreutter[1], Guarnieri sentiu a necessidade de escrever-lhe uma carta aberta, onde expressava suas sensações perante a música do compositor alemão. Em suma, essa carta não traria consigo nenhuma polêmica explícita, mas já prenunciava, mesmo que sutilmente, o posicionamento de Guarnieri, que quase dez anos mais tarde seria deflagrado de forma mais contundente com a publicação da Carta Aberta aos Músicos e Críticos do Brasil de 1950. Publicada na revista Resenha Musical[2], a Carta Aberta datada de 28 de agosto de 1941, em seu teor apenas continha as impressões de Guarnieri sobre a Música de Câmara de Koellreutter. Mesmo sendo essencialmente elogiosa, a carta não pouparia o compositor alemão da franqueza que era peculiar ao compositor paulista. Diferentemente desta, a Carta Aberta de 1950 ganhou maior projeção devido a celeuma gerada a época. Entretanto, essa segunda e mais emblemática carta em torno de Guarnieri, tinha um objetivo claro e definido: convocar os atores do cenário musical nacional a lutar contra o que Guarnieri chama na carta de “[...] corrente formalista que leva

à degenerescência do caráter nacional da nossa música” (GUARNIERI apud SILVA, 2001, p. 143), promovida pelo emprego da técnica dodecafônica[3], que tinha como principal entusiasta[4] seu amigo Koellreutter, fundador do Grupo Música Viva.

Nesse sentido, esta comunicação objetiva apresentar e discutir as relações formais, históricas, políticas e estéticas que se estabelecem entre as duas cartas, sendo a primeira, de 1941, tomada como uma antecipação contextualizadora do que viria a conter a segunda, a de 1950, ainda que a atuação desta última sofra discussões sobre a participação de Rossini[5], primeiro irmão de Camargo Guarnieri. integral o como coautor.

Referências

EGG, André. O Grupo Música Viva e o Nacionalismo Musical. In: III FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 2005, Curitiba. *Anais*. Curitiba, EMBAP, 2005.

KATER, C. E. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa Editora : Atrevez, v. 4, 2001.

KOBAYASHI, A. L. M. T. A escola de composição de Camargo Guarnieri. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Música) Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2009.

NEVES, J. M. *Música contemporânea brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

SILVA, F. *Camargo Guarnieri: o tempo e a música*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

Notas:

[1] Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005) flautista, compositor e educador musical teuto-brasileiro fundador do movimento Música Viva (1938-1952). Defensor da técnica dodecafônica afirmava que esta “garante liberdade absoluta de expressão e a realização completa da personalidade do compositor” (KATER, 2001, p. 129)

[2] GUARNIERI, Camargo. Carta Aberta. In: *Revista Resenha Musical*, São Paulo, n° 37, p. 29, 1941.

[3] Em 28 de dezembro de 1950, Koellreutter responde a Carta Aberta de 1950. Na carta-resposta define dodecafonismo como: “[...] uma técnica de composição criada para a estruturação do atonalismo, linguagem musical em formação, lógica consequência de uma evolução e da conversão das mutações quantitativas do cromatismo em qualitativas, através do modalismo e do atonalismo.” (KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Resposta a Carta de Camargo Guarnieri. In: SILVA, Flávio. 2001. p. 148)

[4] Em entrevista à Folha de São Paulo do dia 7 de novembro de 1999, Koellreutter revela que foi o interesse de Claudio Santoro pelo dodecafonismo que o levou a estudar mais a fundo técnica: “Em 40, quando eu ensinava composição a Cláudio Santoro, ele fazia a “Sinfonia para Duas Orquestras de Cordas”, com trechos que já traziam essas técnicas em embrião. Ele me perguntou o que era dodecafonía. Eu não o forcei a fazer. Eu dava aulas de acordo com minha orientação estética. Ele estudou em conservatório e ouviu falar disso, mas não foi informado. No fundo ele me obrigou, com as perguntas que me fez, a estudar mais a coisa. E escrevi “Invenção”, o primeiro trio rigorosamente dodecafônico. Mas quem me levou a fazer isso a sério foi o Santoro” Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0711199905.htm>. Acesso em 23 setembro de 2023.

[5] Rossine Camargo Guarnieri (1911-1989), é de sua autoria quatro poemas usado no ciclo de Treze Canções de Amor composto entre 1936 e 1937 por Guarnieri.

Comunicações - Sessão 5 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

O baixo elétrico emancipado de Jorge Degas: um pilar ocultado da história

Fernando Rocha da Silva,
Acácio Tadeu Camargo Piedade

Esta comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como foco investigar a prática do baixo elétrico “emancipado”, seu histórico e instrumentistas de referência. O texto será dividido em duas partes principais: a primeira parte apresentará o conceito de baixo elétrico emancipado, as diferentes concepções estilísticas de se tocar o instrumento dessa maneira, dando foco a concepção polifônica. Na segunda seção será apresentada uma biografia de Jorge Degas, pioneiro do baixo elétrico emancipado no Brasil, realizada a partir de uma entrevista concedida ao autor em 2022.

Comunicações - Sessão 6 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

Centro de Documentação Musical (CEDOM): a criação do laboratório e o papel estratégico da política de pesquisa musicológica no âmbito da Universidade Federal de Alagoas

Nilton da Silva Souza

A criação do Centro de Documentação Musical da Universidade Federal de Alagoas em 2021 foi consequência da necessidade de institucionalização da pesquisa musicológica no âmbito da UFAL para além da formalidade dos Grupos de Pesquisa, proporcionando a consequente criação de um centro de referência para o fazer musicológico. O objetivo desse trabalho foi demonstrar o papel estratégico de criação de ferramentas que dão suporte técnico ao desenvolvimento da pesquisa musicológica em Alagoas ao tempo que são produzidos meios para a organização e disseminação da informação. Esse relato busca também informar a relação de organização da pesquisa no âmbito da UFAL e os meios encontrados para salvaguardar os fundos aos quais o CEDOM está trabalhando no momento.

A importância da documentação na construção historiográfica musical e os instrumentos de representação da informação musical da atualidade

Letícia Santos De Jesus

A Música encontra-se no cotidiano do ser humano desde os primórdios, seja como forma de expressão, linguagem, manifestações, ritualísticas ou até mesmo diversão. Embora seja uma arte e prática antiga, possui lacunas em seus registros e organização de seus documentos, interferindo na construção historiográfica musical. A exemplo disto, temos a questão da história da Música Brasileira, que há poucos registros precisos sobre o início da música brasileira e dentre outros casos em relação a obras e manuscritos de compositores renomados. Essas lacunas, principalmente no Brasil, se dão a partir de dois grandes problemas como a falta de valorização da cultura e da arte e a falta de profissionais especializados para a realização do armazenamento, organização e disseminação de documentos musicais no país. O presente estudo possui cunho interdisciplinar entre as áreas da Musicologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação. Tendo como metodologia, abordagem qualitativa, caráter exploratório, do ponto de vista descritivo por ter como objetivos principais, i) demonstrar a importância da documentação na construção da historiografia musical; e ii) identificar os instrumentos utilizados para representação da informação musical. Para auxiliar no processamento técnico desses registros, pode-se destacar alguns instrumentos como: listas de terminologias para descrição de partituras, materiais iconográficos e bibliográficos, e normas de catalogação e classificação para as áreas e subáreas. Todas essas ferramentas ajudam para o armazenamento adequado dos documentos. A organização e manuseio devido dos documentos musicais contribui para a preservação, memória e disseminação das obras, impactando no surgimento de novos estudos

da área, criação de novos acervos, desenvolvimento da cultura e dentre outros benefícios para a comunidade acadêmica e demais públicos interessados. Por fim, apesar de existirem os instrumentos supracitados para a organização da informação musical, é necessário padronizar as terminologias, criar normas oficiais, catálogos temáticos e vocabulários controlados para uso dos profissionais na realização da representação da informação e conseqüentemente, melhorar o acesso à essas informações, colaborando com a preservação e construção da historiografia musical.

Comunicações - Sessão 6 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

Musicologia e Big Data no Brasil: Bancos de dados para uma musicologia mais crítica e melhor embasada

Pedro Ivo Araújo

Embora Big Data seja um conceito conhecido desde 1990, sua crescente evolução tem apresentado soluções importantes para o processamento de grandes conjuntos de dados na atualidade. A interseção entre a Musicologia e o uso de Big Data vem ganhando destaque no cenário da pesquisa em música. O tratamento e recuperação de dados musicais e culturais têm permitido aos pesquisadores traçar tendências, conexões e influências musicais assim como socioculturais de maneira mais abrangente, podendo ainda analisar não apenas as composições, mas também as interpretações, a popularidade e as mudanças ao longo do tempo. Através das bases de dados, é possível examinar a música, influências culturais e a fusão de gêneros em maior detalhe. Além disso, a análise de Big Data pode identificar padrões comportamentais e preferências musicais, ajudando na compreensão do consumo de música no Brasil. No entanto, o uso de Big Data na Musicologia Brasileira também apresenta desafios, incluindo a garantia de que os dados sejam representativos, sem desconsiderar os aspectos éticos relativos a questões de privacidade. É crucial encontrar um equilíbrio entre o acesso aos dados e a proteção dos direitos autorais e da privacidade dos autores. Por outro lado, o desenvolvimento de bases de dados tem auxiliado a musicologia na sua corroboração documental (seja textual, musicográfico, sonoro, audiovisual ou iconográfico). Neste trabalho propomos não apenas apresentar o status quo deste tema no Brasil, mas também discutir as possibilidades e desafios a serem desenvolvidos.

Comunicações - Sessão 6 – 16/11 - 16:00h - Canal YouTube

“Eu sou da Lira, não posso negar”: trajetórias de vida, memórias e políticas culturais nas bandas civis centenárias de Campos dos Goytacazes (RJ)

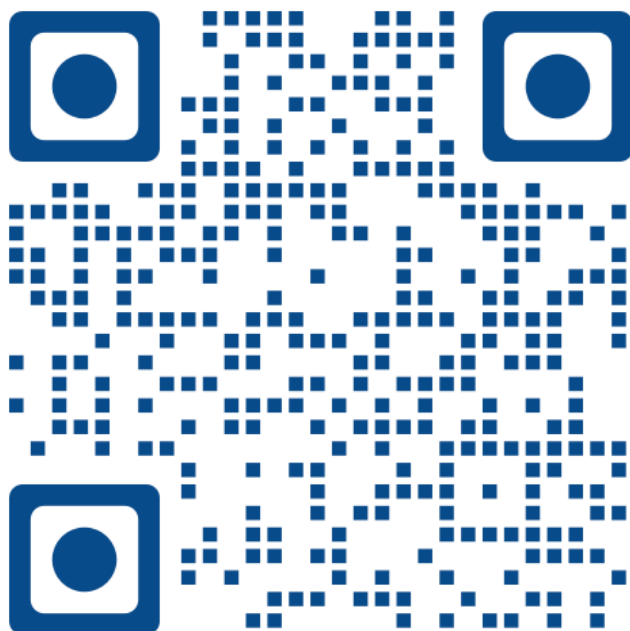
Karina Barra Gomes

O tema desta investigação são os modos de vida nas Bandas Cívicas e as ações culturais por elas desenvolvidas, considerando a longevidade desse agrupamento centenário de músicos, em Campos dos Goytacazes, dos quais selecionamos a Lira de Apolo, a Lira Conspiradora e a Lira Guarany. Os objetivos da pesquisa implicam discutir cultura (modo de vida) e os paradigmas políticos da ação cultural, priorizando seu caráter social, a memória e a identidade, passando pelos direitos sociais e direitos culturais; compreender os processos de formação identitária dos músicos campistas vinculados ao seu modo de vida, a seu locus de permanência (as Bandas) e às ações culturais do passado e do presente; contribuir para o pensamento crítico na construção de memórias tecidas a partir das relações de pertencimento e experiências afetivas dos sujeitos mediante suas narrativas de vida, buscando encontrar as formas de permanência das Bandas Cívicas, ao longo do tempo e na contemporaneidade. A metodologia consiste na pesquisa bibliográfica em livros, artigos e pesquisa documental nos acervos das Bandas; em observação participante em ensaios, aulas, festas, retretas, tocatas; e na história oral de vida, método importante para colher narrativas orais, memórias e conhecer os vínculos identitários dos sujeitos com sua cultura. Justificamos a pesquisa pela relevância e a incorporação do social por meio das narrativas orais, oportunizando a construção de sua temporalidade e valoração, a fim de evitar o esquecimento dos músicos, sua cultura e memória. As Bandas campistas se ajustam

ao aspecto residual na cultura onde relações sociais, táticas e estruturas de sentimento norteiam a democracia participativa como um paradigma da ação cultural atuante. A participação torna os sujeitos protagonistas na afirmação de sua identidade por meio das vivências e da educação social. A criatividade presente nas redes de solidariedade e a organização cultural ajudam a satisfazer suas necessidades, enquanto a cooperação, o voluntariado e a educação não formal apontam o caminho para o alcance de direitos culturais, fazendo das Liras um lugar de memórias centenárias e de valores permanentes.

ABMUS

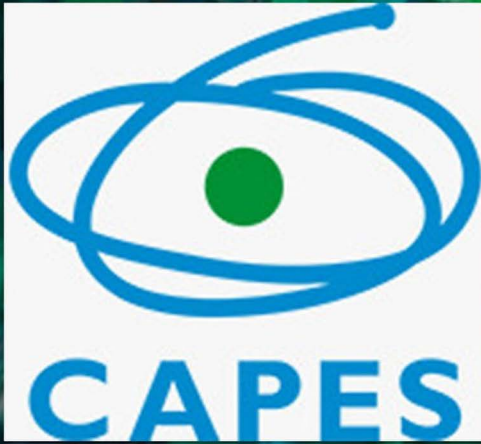
Associação Brasileira de Musicologia



abmus.net.br

ABMUS

Associação Brasileira de Musicologia



Caderno de Resumos



ABMUS nas redes sociais

